



Maria Peregrina de Souza

Silencio est.

D. MARIA PEREGRINA DE SOUSA



edigia eu a *Revista Universal Lisbonense* (ha quantos annos la vai isto!) quando pelo correio do Norte entrei a receber uma serie de curiosos artigos, escriptos em portuguez portuguez, em portuguez do Minho, sobre crenças populares e superstições d'aquella provincia, sem mais assignatura que o modesto cryptonymo **UMA OBSCURA PORTUENSE**. De tão bom senso eram cheias, e de tão elegante simplicidade, além de vernaculas e graciosas, aquellas paginas, nem eram bem paginas, aquellas conversações de aldeia em serão desenfastiado, que desejei, como toda a gente, saber d'onde procediam. Em mim não era só curiosidade; fui sempre um grande farejador de bons talentos litterarios. D'onde me vem ares de algum, que por modestia, ou outro qualquer motivo se recata, só se eu não posso é que não afurôo as moitas até dar com elle, e constrangel-o a ir tomar o seu posto e prehencher entre os seus pares o seu destino, acrescentando com a sua gloria, e com o incentivo de um exemplo mais, a he-

rança das lettras patrias. Bati mato; dispuz laços; amiudei reclusos; ajudou-me a fortuna. Depois de muito escapar-se-me d'entre as mãos, como as sombras nos Elysios, que obstinadamente se esquivavam á luz do mundo, apprehendi a final, mau grado seu, o formoso espirito, cujo mysterio me desatinava. Homem o haviam suspeitado muitos; que era dama apostava eu; e ganhei. Não podia deixar de ser: nós outros podemos arremedar a simplicidade amavel; tão nativa e genuina só ellas a possuem.

Preso-me eu de ser o mais fiel depositario de segredos; mas os d'esta especie pêsam-me grandemente, tanto no gosto de fallar, como na consciencia, e talvez tambem um poucoxinho no amor proprio. Eu estava pouco mais ou menos como Cicero, que, se lhe facultassem os deuses peregrinar pelas espheras celestes, e contemplar as maravilhas que por lá vão, com o onus de não desabafar d'esses prazeres communicando-os a seus amigos, só para si não os queria.

Novas diligencias para se me consentir denunciasse ao publico o meu precioso descobrimento (o publico e eu até hoje temos sido muito bons amigos), recresceram neste segundo empenho, e maiores, as difficuldades; mas venceram-se emfim a poder de esforços, e eu tive o desvanecimento de pregoar aos nossos escriptores o nome da nova Clorinda, que tão gentil campeava de viseira calada por entre elles.

Déra-a e creara-a a boa cidade do Doiro. Vivia no remanso campestre já de Moreira, já de Leça da Palmeira; chamava-se D. Maria Peregrina de Sousa.

Estava quebrado o encantamento. A historia litteraria tinha mais uma gloria feminina para registrar; em hora boa a registou; os annos que seguiram até hoje não tem feito senão acrescentar-lhe o lustre.

O vêr-se conhecida não inspirou á nossa escriptora nem vaidade, nem covardia. Tinha trabalhado, estudado, e produzido, sem ambição; como a silveirinha emboscada no vallado cria sem tracto de homens, e só por mercê do ar, da alva, do sol, e das estrellas, o seu verde e os seus botões, as suas flores e os seus fructos. Era assim de sua natureza. Continuou como principiára, e como ha de ir já agora até ao fim. Compõe como conversa, como pensa, e como sente; sente com a delicadeza de mulher; discorre com a sisudez de moralista desenrugado; falla sem arrebiques affectados, mas deliciosa de ingenuidade; e é tudo isto e só isto o de que se lhe formam debaixo da penna, sem ella o cuidar, os seus versos e as suas prosas, as suas narrativas e os seus discursos, as suas correspondencias, os seus artigos volan-

tes, os seus voluminhos que ella não cataloga, nem conta, nem cita, nem relê, nem recorda por ventura.

E tambem, pergunto agora: de que havia ella de ter nem perumpção nem acanhamento? as suas obras não as fez ella; fizeram-se-lhe por si. Sairam-lhe do animo como a camphora sáe do loireiro, que nunca aprendeu chymicas, nem phisiologias vegetaes. Se se visse numa ilha deserta escrevia o mesmo nas primeiras folhas largas que topasse com o summo da primeira flôr córada que visse á mão. É como os gabos ao rouxinol! nem que a pobre avesinha soubesse, quando canta para si de noite, aos ecos da sua Thebaida frondosa, que está fazendo musica de arroubar os Rossinis e desesperar os Verdis; musica elle!... aquillo é o seu fallar; quando muito serão lá scismas dos seus amores.

Ha sete annos achando-me eu no Porto, nas minhas suadas e pouco abençoadas lidas para a redempção christã da escola primaria, lembrei-me em bem de ir visitar pela primeira vez aquella boa amiga em Moreira onde ella então residia feliz entre seu pae, e sua irmã.

Fui por uma bella tarde de domingo. Acompanhava-me o meu amigo, e meu collaborador no Curso Normal Portuense, José de Macedo Araujo. Chegámos ao descair da tarde; as duas irmãs, e seu pae um respeitavel ancião, familia entre patriarchal e Gesnerica, assim como a vivenda, receberam-nos com alvoroço cordial, como se avistassem depois de tempos esquecidos parentes e companheiros de sua criação. Eu por mim sentia o mesmo para com aquelles tres corações de oiro de uma especie já de muito perdida nas cidades grandes.

Ao cabo de um quarto de hora já eu comprehendia o encanto que se expira de quantas linhas manam da penna da nossa escriptora: o juizo, o saber, e a lhaneza do pae, o conforto da casinha tão hospedeira, a amenidade e o recato do sitio, o concertado e harmonico da familia, o antigo do trato, cortez sem exagerações, franco sem alardo, todo aquelle conjuncto havia de ter dado por força a um engenho bem fadado aquillo que eu admirára de longe sobre o papel, e que renovado agora na conversação viva já me não maravilhava.

As circumstancias da vida de um escriptor contém integralmente as rasões de ser do seu pensamento e do seu estylo. Se alguem duvidasse, com mil exemplos se lhe provára.

Tem a fortuna seus laboratorios, que só ella sabe, dos quaes, por aggregações fortuitas de coisas ás vezes tenues e impalpaveis, saem, por umas alchimias providenciaes, indoles de muito diversos e oppostos gráus de merecimento; pouco mais ou menos

como debaixo da terra a natureza, com um gaz e uns requisitos que só ella sabe, fabrica ora o carvão, ora o diamante.

Por isso é que a educação primeira, aquella que se calcula e dirige á vontade, e est'outra educação que depois de adultos, vimos recebendo dos homens e dos successos, bem podiam reivindicar para si a folha e folha quantos loiros factuamente nos cingimos, e tambem carregar com a imputação de muito e muito mal que se nos attribue.

Repeti, e amiudei visitas aos alegres penates de Moreira; eu já tambem fôra aldeão e'serrano por annos largos no presbyterio de S. Mamede da Castanheira do Vouga. Tive portanto todo o aso e vagar para reconhecer que no genero de vida d'aquella mulher tão boa, tão amavel, e quasi feliz, se ha mulheres felizes, se continha sufficiente explicação de muita parte da sua escripta; mas o que estava presente, com ser muito e optimo, ainda me não satisfazia. Quem vê passar por um sitio ameno um rio puro e cristalino, pensa por força no donde viriam rir-se-lhe ali aguas tão formosas.

Nos intervallos das praticas litterarias e saborosas leituras dos nossos serões, fui a pouco e pouco procurando e colhendo na fonte noticias dos primeiros dias de tão bella vida, de que já então me apetezia deixar por escripto alguma memoria.

As investigações ali começadas, prosegui-as depois com maior diligencia, e inteirei-as agora. Colhi pouco em verdade; pois se elle o que havia era pouquissimo! e tão simples, tão simples, que todo o artificio de discurso lhe desdiria. (Afortunada ainda assim a que passa dias que tão pouco deixam para narrar.)

Viviam na cidade do Porto no principio d'este seculo Antonio Ventura de Azevedo e Sousa, honrado commerciante, e sua mulher D. Maria Margarida de Sousa Neves. Com os laços do consorcio se lhes reforçaram os do parentesco e da convivencia infantil; eram primos e quasi irmãos; suas avós tinham sido irmãs.

Não se enraizava nem enchertava a familia em carcomidas fidalguias provincianas. Contentava-se com a nobreza do pae Adão. Vivia abastadamente da agricultura; mas no tracto das virtudes singelas e amaveis, que nos campos se criam como os fructos, grangeára largamente bemquerenças e veneração. Bons morgados aquelles que a ninguem lesam, nem ha força humana que os desvincule.

Para não derrarmos historia para fóra do nosso pequenino assumpto, indiquemos só, como genio que cifrou em si as qualidades solidas e sympathicas, hereditarias e frequentes na familia, o irmão d'aquellas duas avós do nosso casal. Chamava-se Antonio José Francisco; podera ter accrescentado Moreira, que era o appellido da familia, assignado ainda pelo pae, José Francisco Moreira; porém contentou-se com aquillo. Era pois Antonio José Francisco, abbade na freguezia rural de S. João de Canellas a uma legua do Porto, um philosopho religioso, um homem d'estes que o são para as coisas do ceo e para as do mundo, e sabem conciliar ás mil maravilhas os interesses passageiros com os eternos. Era verdadeiramente o pastor do seu rebanho. Ainda se não fallava em juizes de paz, e já elle o era; instituir-o Deus; todos o reconheciam como tal. Havendo dissidencias na freguezia, sujeitavam-se quasi sempre os desavindos á sua decisão; se por acaso algum teimoso ia por diante com as suas pretensões, o nosso abbade só protegia a parte que tinha razão, e o fraco contra o forte. Os juizes attendiam-lhe em tudo como a varão que sabiam incapaz de falsear a consciencia.

Era parente seu o Bispo Conde de Coimbra... Mas prefiro trasladar textualmente o que a este proposito encontro numa carta da nossa escriptora:

«O Bispo de Coimbra de então! (Bispo Conde lhe ouvi uma vez «chamar; o nome não lh'o soube, porque na familia ninguem «fallava nelle) era parente do abbade; mas em quanto elle esteve «no galarim pouca intimidade quiz o clerigo ter com o prelado. «Foi esse Bispo com outros deputados, por insinuação ou ordens «do duque da Dalmacia (creio que me não equívoco) á França «pedir a Napoleão o duque para rei. Quando voltou para Portugal, foi, com muita justiça, mal visto pelos governadores do «reino e pela nação. Viveu depois no seu palacio, solitario e diziam que pobre, para o estado de principe, que elle gostava de «ostentar. O abbade partiu para Coimbra com meu pae, filho de «uma de suas irmãs, a levar-lhe consolações, e offerecer-lhe o seu «haver.»

O bispo, de quem a nossa autora tão feminilmente ignora o nome, era o de Coimbra D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho. A embaixada, a que ella se refere por tradição confuza, não tivera por fim impetrar para o throno, como que vago, de Portugal, o duque da Dalmacia Marechal Soult; foram aquelles *bons* portuguezes a Bayonna, onde então se achavam Napoleão, offerecer-lhe para algum principe de sua familia o sceptro de D. Affonso Henriques e de D. João iv. Gosto de a ver igno-

rar estas coisas, anteriores ao mundo do seu conhecimento; nem os poetas tem obrigação de as saber; quanto mais as poetisas!

O nome do abbade de S. João de Canellas Antonio José Francisco vive ainda hoje nas memórias e saudades da freguezia, narrando-se d'elle innumeraveis casos que abonam haver possuido no mais alto grao quantas virtudes e excellencias se podem requerer para um perfeito pastor de almas. Não obstante, enganar-se-hia quem o suppozesse um d'aquelles asceticos exagerados, que teem para si não haver santidade sem bisonhice, nem fervor de espirito senão o que se cobre com andrajos. Conhecia o seu tempo, e sabia que os respeitos attrahidos pela dignidade externa, acrescentam forças ao individuo para melhor levar ávante e ao cabo as empresas da virtude, que nem sempre são facilimas.

Inda hoje os que o viram, que são já poucos, se comprazem de o descrever, o seu parochio, o seu amigo, o seu rei de espiritos, vestido invariavelmente de seu calção de veludo preto, colete muito comprido da mesma droga, casaca de saragoça, cabeção e volta, e na cabeça o seu chapéu á tridentina. Ia-se á cidade, quando para serviço de alguém fazia mister, a cavallo numa mula possante, seguido de um creado preto montado noutra igual. Era um prototypo, que Balzac folgaria de ter encontrado para o descrever por miudo, assim como o seu rosto veneravel, e a sua caracteristica residencia; era emfim um parochio de quem Lamartine ainda poderia colher alguma poesia, depois de escripto o Jocelyn. Tinha o abbade o mais estremo affecto a suas irmãs, dado não fosse da sua indole o manifestal-o por melindres e carinhos; os de fóra tinham de lh'o adivinhar, ou aguardar pelos lances decisivos para lh'o reconhecerem, que lá nesses nunca elle se desmentia. O amor do bom padre, tanto mais intenso quanto mais dissimulado, não parou nas irmãs; abrangeu inteiro aos filhos d'estas, um dos quaes foi Antonio Ventura de Azevedo e Sousa. Brincava este ainda creança no pas-sal diante dos olhos e do coração do abbade; do abbade todo ufano lá por dentro de ver como Deus lhe abençoára a velhice com tal sobrinho.

Se lhe não desejaria elle as maiores ditas! a maior de todas para cordeirinho tão candido, era offerecer-se ao altar, antes que o turbilhão do mundo o arrebatasse. Sentia-se velho, e toda a alma se lhe allumiava, só de fantasiar que outro elle, o filho de sua irmã, havia de ficar com a herança de tanta benevolencia, como a que elle andára semeando por aquelle povo, e com o seu proprio grangeio a havia de acrescentar. Depois elle, o ve-

lho, não havia de viver sempre; e bom era, antes que o esque da casa se acabasse de comer do caruncho, e a deixasse pendida ou arruinada, acudir-lhe com esteio novo, e cortado em tão boa lua, como para a vida ecclesiastica o é a bemdita da meninice. O sobrinho estava por tudo; não só resignado, mas gostoso. Namorava-o aquella poesia da egreja com imagens e tudo, a que havia de chamar sua; as sedas agalloadas que levaria debaixo do pallio; as visitas de poisada em poisada ao foliar no domingo de Paschoa; e tambem um pouco o cavalgar na mula grande, e correr mundo até ao Porto com a figura do rei Belchior do presepio atraz de si.

Como hortelão curioso, que rega, torce, decota, pucha, espalma, e interlaça o arbusto docil de que já traz architectado na idéa um caramanchão em que ha de dormir á sombra as sextas regaladas do domingo, assim ia o abbade affeiçãoando cada vez mais o gosto, as idéas, a educação e a instrucção do mancebinho para o santo alvo das suas posthumas ambições.

Por muito que fosse ministro de Deus o padre, não dispunha Deus neste negocio, como elle lhe propunha. O pau que se principiára a talhar para um futuro devoto, não houve remedio senão empregal-o em mais profano uso. Arranjos de familia exigiram que o sacramento das ordens se trocasse no do matrimonio; tenho não pesaria muito ao iniciado clerigo a metamorphose; vicejava então em toda a pompa da idade; poesia bem outra das poesias infantís o senhoreava; a prima que o ceo lhe dava como presente especial para sua noiva, era formosa, gentil e discreta, além de bonissima; merecia-o; mereciam-se ambos. As duas mães estavam encantadas com esta nova prisão, que ia ainda tornal-as mais irmãs com esta troca de joia por joia, que a ambas enriquecia. O abbade mesmo, unindo as mãos, recebendo e abençoando os votos de tão gentis creaturas, e tão feitas uma para a outra, houve de pensar, mas que o não dissesse, que havia coisa mais deliciosa que administrar ao proximo tal sacramento: era recebel-o.

Derrubada assim a primeira esperanza, logo, talvez naquelle mesmo acto, surdiu outra mui natural no espirito do abbade, a quem não soffria a paciencia que a boa da sua egreja houvesse de passar a mãos estranhas, que poderiam deszellar-lh'a. Depois aquelle campanario, as andorinhas d'aquelles beirados, as arvores e as pedras contadas do passal, tinham-se acostumado tanto á boa gente do sangue d'elle, que por força haviam de estranhar se vissem por ali caras novas, e ouvissem outras fallas. Foi pois a sua idéa que o primeiro filho que viesse a lume do

consorcio, seria creado para a abbadia; lá que havia de vir, não duvidava elle; tamanha era a fé que na bençãam tinha posto.

Avisinhava-se o tempo de se lhe realisar a prophcia do desejo. A hora suspirada alumia o thalamo da esposa. Exultam as duas mães. Suspira o abbade. O seu projectado successor saiu uma menina. Que remedio já agora se não querer-lhe muito! Deu-lhe no baptismo o melhor nome que soube, o unico de todos os bellos nomes que por mais que se multiplique e invelheça é sempre bello, sympathico e poetico.

Maria é a heroína da nossa pequena historia. Maria Peregrina? Ainda não; por ora só Maria de Sousa; o sobrenome hão de lh'o trazer os trabalhos, e não tardará muito.

Mal se lhe contava um mez de idade, como nascida que fôra aos 13 de fevereiro de 1809, quando o exercito francez de Soult entrava de Hespanha pela fronteira do norte em Portugal, em som de guerra, e com todas as feridades de conquistador victorioso por essa Europa em cem batalhas. Os ecos de tantas guerras, que a pouco e pouco se nos tinham vindo avisinhando, trovejavam medonhos em todas as fantasias. A despeito do esforço e patriotismo das nossas tropas, coadjuvadas pelas forças inglezas, trepidava-se nas cidades; trepidava-se nas aldeas e campos dobradamente.

A cabeça do reino fôra atirada para os confins da monarchia, a duas mil leguas. Napoleão estava perto; estava em toda a parte. A politica era um cahos; o porvir uma cerração tempestuosa. Só se não desconfiava da Providencia, porque o pavor mesmo o prohibia.

No Porto, onde então residiam, como a principio dissemos, Antonio Ventura e D. Maria Margarida, lavrava fundo, e com rasão, a anciedade. É de seu natural animosa e para muito aquella gente, que tem fé viva em si e na sua estrella; mas as cidades mais heroicas tambem succumbem. Annibal fulminou Sagunto; Cesar, Marselha. Napoleão era Cesar e Annibal. O seu carro de batalha era carro de triumpho. O proprio destino parecia puchar-lh'o como rei vencido.

Antes que a cidade fosse entrada dos invasores; quando cada um dos habitantes procurava pôr a recado o seu precioso, emparedando-o, sotterrando-o, sumindo-o pelas povoadas, ou cometendo-o com solemnes promessas á guarda da Virgem Padroeira e de todos os Santos, pareceu a Antonio Ventura, que melhor seguro para sua joven esposa e sua filhinha, nenhum podia haver que a residencia do santo abbade, especie de penate maximo da familia. Para lá as enviou portanto, ficando-se elle nas linhas de

defeza da cidade. Era tenente.... «não sei de quê — me diz a «amavel escriptora; — de um d'esses corpos que não tinham «mais nada por si que a vontade de defender a patria.

«Quando os francezes entraram as linhas — é ainda ella quem «falla — debandaram e fugiram todos os defensores que não mor- «reram. O nosso tenente chegou ao Doiro, quando a ponte de «barcas estava rota, e o rio atulhado de cadaveres. Passou a cor- «rente a nado, vestido como estava, e chegou a Canellas, narra- «dor e testemunha de tantos horrores.»

A immuniidade mesma, a sacrosanta immuniidade das virgens do Senhor, fôra quebrantada. A soldadesca infrene e ebria a nada perdoava. A taes novas, quem pintaria a consternação dos imbe- les moradores da residencia, mal distante do Porto uma hora de caminho? O campanario, que a denunciava ao longe, mais pare- ceu então conductor para raio, que influidor de religiosas con- fianças. Feita em commum oração por toda a familia aos pés do altar do SANTISSIMO, que a desamparava á mais tormentosa pro- vação, decidiu o velho que se apartariam todos, acompanhados do cura seu coadjutor, á procura de menos arriscado esconderijo. Elle, como esposo que era da egreja, permaneceria em quanto lhe fosse dado, e nunca por extremo algum se alongaria d'ella tanto, que deixasse de avistar a grimpá da sua torre! — «Se não «nos tornarmos a ver, adeus até o dia de juizo» — ; foram as suas ultimas palavras abençoando aquelles profugos tão queridos.

«Ao longe ainda ouvia os gritos de sua irmã minha avó ma- «terna, e de todas as creadas — me escreve a que então era me- nina de um mez, e a unica não aterrada de tanta angustia. — «Minha mãe concentrava a sua magoa no fundo do coração. Re- «tirou-se depois toda a familia para outra aldea, e recolheram-se «por precaução numa casa d'eira muito velha, sem outra luz, «que a que davam as grandes gretas da porta. Refugiam muito «de proposito de casarias de maior alardo, e faziam bem; todas «as que assim eram, ficaram juncadas de cadaveres. Pelos bura- «cos da sua prisão viam ao longe passar partidas de soldados, e «tremiam de que os meus gritos chegassem até elles. Eu tinha «fome; minha mãe, que me creava, viu-se de repente sem leite, e «quando me chegava ao peito, tirava-lhe sangue. Mil vezes me «desejou a morte naquelles dias, porque julgava que a nação fi- «caria sempre escrava, e que seria uma desgraça viver nella.

«Assim se andaram foragidos pela serra, de moita em moita, «e de reconcavo em reconcavo; ora encontrando-se com outros «bandos de fugitivos, com quem se repartiam novidades, penas «e affectos (esperanças poucas ou nenhuma); ora dispersando-se

«ao mais leve rumor, imaginario muitas vezes, que se parecesse
«com a repercução de um tiro. Era o viver silvestre, mas com mil
«circunstancias de desvantagem, comparado ao das tribus ameri-
«canas. Por essa minha peregrinação no berço, me poz depois
«meu tio o sobrenome de Peregrina.

«Naquella tribulação nómada se andavam comigo, quando vie-
«ram dizer á familia : — LÁ MATARAM OS FRANCEZES O SENHOR ABBA-
«DE ! — Tantos foram os alaridos na choça onde então poisava-
«mos, que, a terem passado soldados pela cercania, infallivelmente
«nos descobriam, e feito era de todos nós. Forravamo-nos a tem-
«po a bastantes desgostos. Eu teria voado das moitas para o céu
«como innocente, e minha mãe comigo, como minha mãe e como
«martyr. Quiz meu pai ir certificar-se dos pormenores da fatal
«novidade. Antepoz-se-lhe o cura, e foi elle mesmo. O boato fôra
«falso. Occasionara-se de ter alguém visto o abbade, ao longe, no
«atravessar a estrada para a nossa banda colhido e rodeado de
«francezes.

«Confiado então mesmo na Providencia, e com a presença de
«espírito que possuia em summo grao, parou em distancia em
«vez de fugir ; metteu disfarçadamente pelo cós dos calções uma
«bolça de peças, e o relógio. Chegados os inimigos, pediram-lhe
«dinheiro, que era sempre o seu primeiro *Deus te salve* ; entre-
«gou-lhes com aspecto sereno e sem hesitar os cruzados novos
«que trazia no bolso ; retiraram-se sem lhe fazerem damno. A vir-
«tude impressa num aspecto varonil e grave, até a barbaros sub-
«juga. Quem quer que avistára de longe o encontro do indefezos
«servo de Deus com a matilha das feras, dera logo a tragedia
«por consummada, e assim se fôra correndo espalhal-a de boca
«em boca. O velho, que ia procurar a familia na brenha onde
«sabia que ella então poisava, tomou aquelle encontro por aviso
«do ceo, e retrocedeu para a solidão da sua residencia. Ali poz-
«se a pensar e disse comsigo : — «Em toda a parte estão os peri-
«gos, mas em toda a parte está também a mão de Deus que nos
«resguarda. Eu ao abrigo do meu telhado, e os meus na serra
«desconchegados de tudo, cuidados de mim e eu d'elles ! melhor
«será que regressem. A igreja ha de nos proteger a todos : para
«mais é o valimento do nosso bom S. «João.» —

«Regressámos com effeito, e não houve que arrepender. Tinha
«elle captado com a sua prudencia e generosidade a estima do
«commandante do destacamento estacionado perto de Canellas, a
«ponto de haver este prohibido aos seus soldados a minima de-
«predação ou insulto aos moradores do logar. Ficou portanto
«a familia em perfeita tranquillidade na residencia. Minha mãe

«passava os dias n'um laranjal cercado de grandes muros, á borda de um arroio, ou só, ou comigo nos braços, e nunca viu um unico francez, apesar de virem ali muitos pedir diferentes coisas da parte do commandante. Estava entregue a uma sombria desesperação; pelos annos adiante soffreu grandes afflicções com muito animo; mas aquella, tinha-lhe paralisado a energia de que era dotada. Chegaram a receiar que indoidecesse «Tão profunda era a sua melancholia!

«No dia em que se avistou no alto de um oiteiro purpurejar o fardamento dos primeiros soldados inglezes, e que os francezes se retiraram, teve ella uma das maiores alegrias da sua vida.

«Pobre mãe! pobre mãe! que bem que te não debes estar lá «nessa bemaventurança!»

Passou a tormenta. Respirava o reino desassombrado de inimigos; voltava cada coisa, cada pessoa, e cada espirito, ao seu originario ser, aos seus costumes primitivos. Tinha-se padecido muito; folgava-se e amava-se por isso mesmo tresdobrado. Sabia bem o ser portuguez. Era como depois de um temporal de estio, quando reaparece a serenidade: até as plantas gotejantes e as pedras se estão rindo; aspira-se a peito cheio saude e esperanza.

S. João de Canellas, e os seus arredores, e as serras, pouco ha coitadoras de tantos medos, confidentes de tantas lagrimas, e aqui e acolá testemunhas de alguns obscuros dramas de violencia e ferocidade, tudo parecia haver tomado d'aquellas tristezas uma consagração, e certo incanto inesperado.

Reedificavam-se casas desmanteladas pela guerra; rebentava das cinzas a cultura; activava-se o trabalho; recrescia a fé no antigo horoscopo de Portugal: *combatido e nunca vencido*.

Para os sãos e salvos de tamanha crise, era então delicioso, delicioso deveras, o sentirem-se vivos, reunidos, seguros, como que renascidos uns para os outros, mais parentes que antes, e mais amantes que nunca.

Negocios domesticos prendiam no Porto a familia da nossa Peregrininha; mas o abbade, mas o S. João da aldeia, mas o passal, tinham-lhes lá de refens os corações. Para isso quantas horas, dias, e semanas, se podiam sonegar á obrigação de trabalhar para o futuro e boa sorte da filha, todas com alvoroço as davam os dois conjuges a alegrarem com sua presença a solidão do veneravel patriarcha.

Naquelle ameno torrão da ajardinada provincia do Minho, teve pois as suas primeiras raizes a indole bondosa, florida e poetica da minha amiga (restituamos esta palavra á sua santa e formosa

significação; mal haja quem primeiro lh'a perverteu). D'ali lhe manam quasi todos os mais ou menos vivos recordos da meninice. Haveria interesse em os historiar: mas nem ella mesma já o podéra. Colher algumas reminiscencias dispersas das que ficam volteando como borboletas alvas da madrugada pela tarde da vida, é o mais que se logra. Estas aladas fugitivas, mortas e empastadas num breve quadro, dizem ainda tanto, reenviam-nos tão suavemente o animo para as horas de luz doirada em que se crearam, que não ha olhal-as de passagem sem alguma comoção, sem algum halito de innocencia, sem algum reflexo de bom conselho. Vou por tanto, como quer que possa, caçar e colligir das proprias cartas da nossa amiga as pequeninas memórias que lhe ficaram das adjacencias do seu berço; escreveu-as como quem conversava a sós comigo; escreveu-as para satisfazer á minha importuna curiosidade, sem pela idéa lhe passar que jámais se revelariam ao publico. Pesa-me da inconfidencia, mas não me quero arrepender. Dou estes periodosinhos taes como vieram para um só leitor. Deus me livrara de lhes alterar nem por sombras a sua ingenua simpleza. Quem não gosta de emmólhar num passeio descuidado florinhas miudas do monte, e só se quer com as pompas vegetaes creadas a grande custo nas estufas, passe adiante e deixe-me cá, em borá sósinho, regalar-me com estas pequenezes.

«Na minha meninice mais tenra — diz ella — tinha agudeza e «desembaraço, coisas que fui perdendo como fui crescendo. Da «idade de um anno já corria e fallava. No correr era tão estouvada que a todos os momentos caía. Trazia sempre a cabeça e «a cara esmurrada. Deixar dito sem replica não era para mim. «N'esta parte mudei muito depois de crescida. Dizendo uma mulher um dia — *Jesus! que menino tão pequeno a correr tanto!* — «acudi com desembaraço — *Não é menino, é menina.*

«Outra occasião disse a um creado, que me aperreava por eu «não lhe ter respondido quando estava sem vestido — *Meninas nuas «não fallam a homens.*

«Sendo eu de dois annos, corria um dia pela quinta, e um creado aldeão vendo-me assim correr quiz deter-me e gritou — *Coca nella que vae descalça* (anexim provinciano) — mas eu escapando — «lhe gritei tambem, e sempre correndo: — *Então não coca em mim «que vou calçada.*»

«Cresci debaixo dos melhores auspicios; assim as mostras que «eu dava de vivesa se tivessem confirmado! Meu pae me ensinou «a lér apenas fallei desembaraçado, e fallei de um anno. Não me «ensinou pelo *Methodo Portuguez* porque então o não havia, mas «reprovava os methodos existentes, e me ensinou não sei como;

«unicamente sei que foi com tal rapidez, que todos se admiraram. Lembra-me só que meu pai me metteu nas mãos um papel com as lettras do alphabeto, e depois, não sei como, passei a lêr num livro. Eu era doida por historias, e meu pae me dizia quando lh'as pedia: — «Lê-as; tu não sabes lêr?» — A elle pois e a minha mãe, devi o meu prematuro gosto á leitura.

«A minha infancia foi muito feliz. Meus pais, sem me estragarem com mimos, eram muito amantes. Não eram rigorosos: mas não perdiam ensejo de me educarem bem. A educação porém estava mais a cargo de minha mãe. Meu pai raras vezes se mettia nisso. Comtudo foi elle (como já disse) que me ensinou a lêr; porque o fez brincando; gostava muito de brincar com os filhos em pequenos. Tinha pena de que lhe crescessem. Deu-me mestre de escripta; mas na caligraphia não fiz progressos. Depois que o mestre me deixou não peguei na penna muito tempo, se não quando me obrigavam a isso.

«Minha avó materna foi o unico de meus avós que conheci. Era ella doida por mim não consentia que me fizessem a minima admoestação, e occultava todas as minhas travessuras. Morreu quando eu tinha seis annos. Não me lembro d'ella senão confusamente. Tenho porém muito viva a lembrança d'ella me vestir de manhã e resar comigo; e do seguinte: Estava ella muito mal. Eu o ignorava. Entrou uma noite meu pai. Estavam muitas pessoas na sala. Eu, estouvada por natureza, e com muito mimo, fazia aquillo que me parecia. Não fui cumprimentar meu pai; estava entretida a brincar. Meu pai me chamou, reprehen-deu-me, e pedindo licença ás pessoas que estavam me deu uma pequena pancada. Foi a unica vez que me bateu. Espantou-me a novidade, e fiquei agoniada com as pessoas que estavam por lhe terem dito: — «Está na sua casa.» — Ali não chorei, mas retirei-me para a sala immediata onde minha avó estava na cama, e minha mãe á cabeceira d'ella. Encostei a cabeça aos pés do leito, e puz-me a chorar. Duas coisas então me feriram a imaginação: que minha avó não me chamasse e não me fizesse festa, e que minha mãe não me ralhasse. Esta olhava para mim com passiva e calada. Provavelmente pensava — «Nunca mais te fará festa!» — Provavelmente tambem já minha avó não ouvia.

«Tinha eu um genio naturalmente alegre, herdado em comum de pai e mãe; mas assim mesmo já em creança gostava de gosar o meu poucoquinho da solidão e melancolia. A essa melancolia vaga, que então não tinha realidades a que se encostar, chamarei eu hoje quasi alegria; tanta era a satisfação que me dava.

«Quando estávamos no presbyterio de meu tio, é que eu satisfazia á larga o meu gosto. Entre outros *passatempos* ia para a casa da fabrica deitar-me nos esquifes que ali havia, fechava os olhos, e pensava.... não sei o quê.

«A porta travessa da igreja dava para o pateo da Residencia, e estava sempre aberta. Iam todas as pessoas da casa quando podiam (todos os dias) fazer oração ao SANTÍSSIMO. Minha mãe parecia-me que ia sempre só. Eu também. Que satisfação não sentia ao vêr-me ali em completa solidão, rodeada de quasi trevas, sem ouvir o mais ligeiro ruido! Às vezes pegava numas caveiras (que estavam nas pias de agua benta) e as examinava com profunda sensação; então não era sensação alegre, mas enchia-me a alma isso que sentia.

«Depois de crescida conservei o mesmo gosto de intervallar melancolias no meu viver alegre e descuidado.

«Tinha paixão pela dança, festas, e theatro. Meus pais não me affastavam d'estas distracções, mas moderavam-lhes o excesso; e repetidas vezes me diziam: — «Os divertimentos devem ser uma distracção, e não um modo de vida.

«Aos nove annos fiz eu um descobrimento muito triste. Tinha as bonecas guardadas á semana, e só aos domingos as desencanaixotava; mas todos os dias lhes ia metter mantimento novo (biscoitos ou doces) e tirava para mim o da vespera. Um dia pensei que tinha um trabalho inutil, e a idéa de que ellas não comiam nem sentiam fez-me tal afflicção que não saberei descrevel-a. Deixei-as e nunca mais as vi com prazer. Fez-me falta aquelle entretenimento. A menina que deixa as bonecas cedo, sente por muito tempo uma especie de vacuo na existencia. Quando estava na aldeia desforrava-me correndo pela quinta, e saltando como doida; porque fui creança até muito crescida.

«Outra minha, por aquella mesma idade dos nove annos:

«Minha mãe tomou o costume de levar-me a todas as partes onde eu podia ir sem inconveniencia. Levava-me pois ao theatro muita vez, quando estávamos no Porto; e isto desde muito pequena. Eu era doida por este divertimento; mas comecei a reparar que eram coisas que acabavam. Desde que fiz este descobrimento ia para o theatro já meio triste, com a lembrança de que em breve havia de voltar. Parecia-me que seria coisa boa estar lá sempre. A era de 1818 foi a primeira em que soube o que eram datas, e quando se mudou para 19 fiquei passada. O anno tinha-me parecido tão grande, que julgava seria eterno. D'ali em diante começaram elles a parecer-me cada vez mais breves.

«A leitura tinha eu tanto amor como á dança; mas achava-lhe as mesmas objecções da parte de meus pais. Como não era estudo, mas divertimento, não approvavam que me degenerasse em occupação exclusiva, nem mesmo predominante; tinham-na em conta de dissipação; e de certo que atinavam, pois grande parte do que eu lia eram romances em portuguez. E que romances meu Deus! ... A censura prévia de minha mãe só m'os prohibia, quando eram immoraes; não sei se todas as senhoras lá pelas cidades fazem igual exame para as leituras de suas filhas. Se o não fazem, bons arrependimentos sem remedio lhes prepara talvez esse descuido. Meu pai muitas vezes me dizia que desse eu livros mais serios. Algumas vezes os lia para condescender com os seus desejos; se não fosse isso, a historia por si não me attraía; parecia-me inutil como os romances, porém mais sem-sabor. De poesia sim gostava, e tambem de viagens. Succedeu-me com o *Zadig* de Voltaire traduzido por Fylinto Elisio uma coisa notavel. Gostei muito d'elle em creança, em moça não gostei nada, e annos depois tornei a lê-lo com prazer. De certo o não leio quarta vez. Tres é de sobra, e talvez tornasse a não gostar; mas confesso que preferia as novellas de que hoje não posso ler duas paginas a fio! ... Às vezes me ponho eu a pensar se é felicidade ter o gosto apurado, e inclino-me a que não. Tenho pesar de não achar hoje soffrivel o que então se me figurava incantador. Pois contos de fadas, magicos, anões, gigantes e fantasmas! ... Isso era o meu comer. O maravilhoso me enlevava. Houve romancinhos d'aquelles, que me fizeram chorar até ficar doente; viessem para cá hoje; faziam-me rir. Tambem não sei em minha boa verdade para que se havia de escrever d'aquillo, como se nas realidades da vida não houvera já tristezas de sobejo. Parece-me que era melhor moda fazerem-se unicamente livros ou para instruir, ou para deleitar, ou para deleitar e instruir conjuntamente.

«De treze ou quatorze annos mandou-me minha mãe escrever a meu pai, que estava nas fileiras dos constitucionaes em Trazos-Montes. Era então alferes de milicias. Fiquei eu sem saber por onde entrar, nem sair. Até as fórmulas de algumas das letras de mão me tinham esquecido! Havia muito que não lia senão lettra redonda. D'ali em diante para me exercitar, pois senti toda a vergonha de não saber na minha idade expressar as minhas idéas com a penna na mão, tomei a empreitada de escrever charadas minhas e alheias. Era a mania do tempo, ao menos cá na provincia; é provavel que na capital com tantos divertimentos ninguém curasse muito de tal frioleira, e d'ahi eu já quivi dizer

«a alguém que Lisboa era uma aldêa grande. Por aquelle mesmo tempo uma minha amiga de quatorze annos de idade, como eu, «deixou o Porto. Ajustámos entre os abraços e lagrimas sinceras «da despedida, que nos havíamos de cartear. Assim o fizemos; «mas como o fiz eu! ... era a minha primeira correspondencia. «Eu achava muito feio pôr-me a escrever como lhe fallava. Quantas cartas havia nos livros meus conhecidos seguiam outro methodo; queria imital-as, e não sabia. Occorreu-me então um expediente que me salvou da vergonha do meu prosaismo. Achan-do num livro trechos que me caíssem em graça copiava-os, e de «pois lá os encampava por fas ou por nefas nas minhas missivas. «Se a minha correspondente não estivesse tão boçal como eu, «muito se havia de rir! ... mas eu passava no seu conceito, graças á minha fraude, por uma grande doutora; era a gralha ornada com pennas não sei se de pavão, se de papagaio; emfim «era em ponto pequenino o que tem sido escriptores publicos.

«Eu tinha um genio acanhado e vergonhoso; mas o exemplo «e animação de minha mãe é que me deram o desembaraço preciso, e me tiraram a vergonha de ridicularias. Tambem o meu caracter pendia para a fraqueza; e os bons conselhos e exemplos «corrigiram, creio eu, este defeito.

«Como apresento os meus desares, seja-me licito dizer de mim «o bem que sei. Nunca a sombra de uma inveja manchou a minha alma, que eu saiba, e não entendo como não era invejosa «a fallar a verdade, porque me tinha por feia, e não era insensivel a isso. Tinha pesar de ser trigueira. A alvura era o que «mais ambicionava. Não] tinha só pesar de ser feia; tinha vergonha. Quasi todas as raparigas da minha idade me pareciam mais «bonitas e espirituosas que eu. Acho agora, que já isso vai muito «longe, que devia haver alguma exageração n'esse meu modo de «pensar.

«Contava eu 14 annos, falleceu meu tio-avô o abbade de S. João. «Foi um grande lucto na familia. Todos os mortos tem certo o «elogio funebre, mas o d'aquelle era um eco do que já em sua «vida se dizia. Repetia-se agora entre soluços; era a unica differença. Para mim não acabára só um excellente amigo nosso; «acabavam-se-me com elle uns sitios em que tão gostosos se haviam passado os meus primeiros dias; até dos meus esquifes, e «das minhas caveiras tinha saudade. Ellas e elles tinham conversado comigo, uma pobre creança, em coisas tão altas, tão novas, tão attractivas! o templo de meu tio, de nós todos, e tão em «particular meu, ia ter outro parochio. Verdade seja que o successor, parente ainda de meu pae, fôra o escolhido pelo velho, quando

«eu lhe preguei innocentemente a peça de nascer menina. S. João ficava ainda na parentella, mas já não era bem a mesma coisa.

«Um ultimo rasgo completará o retrato de meu tio. Apesar de toda a sua afeição a meu pai, não consentio em lhe deixar uma tença (como então se usava, e lhe aconselhava um seu amigo íntimo); a consciencia intimava-lhe outra coisa; preferio obedecer á consciencia. Meu pai contava isto com satisfação; eram dignos parentes um do outro. Emfim, os logares, que me tinham grangeado o meu sobrenome iam ficar-me estranhos; era em ponto muito maior a sensação dolorosa que em pequena me causava a descida final do panno no theatro. Eu dei no coração as ultimas despedidas á Residencia, áquella casa de saudades, onde ainda me estou vendo menina, onde me conformava bem a passar sem chá, a jantar antes do meio dia, e onde o que mais me custava era a ceiar segundo a expressão de meu tio — *sem sol, nem luz, nem moscas* — e a deitar-me logo quando os grillos, os rouxinoes, e os cantares da aldeia ainda soavam lá por fóra. Minha mãe que me exortava em segredo a conformar-me com os estilos do eremita hospedeiro, apagava a luz e ia provavelmente para a janella por-se a olhar sósinha para as estrellas, que era o que eu hoje faria.

«Era minha mãe uma senhora sem grande instrucção, mas de um juizo, de uma força de character, e de uma franqueza a toda a prova; livre de preocupações e muito religiosa. Coisa nenhuma a acanhava. Fallaria a principes como fallava a plebeos. A educação que me deu com os conselhos e com o exemplo, servio para corrigir alguns dos meus defeitos. Era eu naturalmente incolhida, timida, vergonhosa, fraca de character, muito estouvada, e irreflexiva. A creação e o uso da sociedade me tornaram outra; mas ainda ás vezes a minha natureza primitiva póde mais comigo que a reforma e a reflexão.

«Como estou no confessionario da amisade, contar-lhe-hei algumas das minhas loucuras.

«Tenho, por mal de meus peccados, uma imaginação viva em excesso, apesar de o não dar a conhecer, porque a modero quanto posso. Succedeo-me por duas ou tres vezes, estar eu só no meu quarto, alta noite, escrevendo ou lendo, e parando no que fazia deixar vagar o pensamento pelos desvios do mundo sobrenatural, e taes phantasmas creou a minha fantasia que tive medo!... muito medo!... e ninguém sabe melhor que eu a futilidade de taes phantasmagorias.

«Outra occasião estava a banhos numa praia muito deserta. Costumava ir assentar-me num rochedo debruçado sobre as on-

«das. Bramiam estas aos meus pés, e a cada instante pareciam
«arremetter comigo para me tragarem. A passagem que para ali
«me levava era algum tanto arriscada não se indo com cautella
«e vagar; nada temia, porque ninguem me apressava. Ali me
«achava eu um dia, quando comecei a imaginar uma historia de
«pessoa que ali estivesse, e que outrem ameaçasse precipitar na
«voragem. Tal terror se apoderou de mim que fugi arrebatada-
«mente pela estreita passagem resvaladia, levando comigo, não
«sei como, todo o meu trem: chapéo de sol, cestinha de traba-
«lho, e livro. Nunca mais lá tornei por temer outra semelhante
«peça da minha imaginação.

«Agora um exemplo da minha imprudencia natural (nasci com
«mais esse defeito): Na mesma descampada praia, andam alguns
«barquinhos; metti-me num d'elles. Levaram-me á vara até a
«um grande rochedo que está a pouca distancia. Saltei ali, e em
«quanto algumas mulheres apanhavam marisco, percorri tudo.
«O mundo pareceu tão pequeno a Alexandre, como a *insua* me
«pareceu a mim. Ficava muito proximo outro rochedo, mas en-
«tre elles havia um canal estreito, fundo e medonho!... Pergun-
«tei a um homem se não se podia passar de um para outro. Res-
«pondeu-me elle que só quando o mar estava muito manso e não
«saltava acima, e que assim mesmo era passo muito arriscado,
«por ser preciso pôr o pé numa pedra lisa e esconça, que me-
«deava entre os dois rochedos, e que por isso se chamava ao ro-
«chedo fronteiro — «Além do inferno» — Pois bem, assim mesmo
«queria eu saltar, e foi preciso que o bom homem me fizesse ver
«que só elle, ou outros praticos, davam aquelle salto, e que naquelle
«dia por dinheiro nenhum o ousaria.

«A agua foi sempre uma vizinha muito sympathica para o meu
«gosto. Aquella turbulencia, aquelle brilho, aquelle seu arreme-
«dar o ceo e os objectos circunstantes, os perigos que vão lá por
«dentro, as coisas desconhecidas que se homisiam no fundo, o
«seu rumor triste, e o seu murmurar que a vida é passageira e
«corre para abismos incognitos e insondaveis, tudo aquillo me
«prende sempre com uma grande força; suppria-me pensamento,
«e me era quasi poesia. Sentava-me eu, quando era moça, á bor-
«da de um rio, ou do mar, se tinha mar perto, a ler, se tinha
«livro que me agradasse; se não, a fazer meia e a forjar roman-
«ces, que não deviam passar da minha imaginação. E o tempo
«corria tão veloz!... Silvio Pélico seria menos infeliz na sua pri-
«são, se tivesse a facilidade que eu tinha de ocupar só as mãos
«com aquelle serviço. Por ser trabalho estúpido me agradava;
«entretinha-me só os dedos, e dos cinco sentidos só me prendia

«o ultimo. Hoje já isso me não diverte. A minha imaginação não
«tem a força de então. Já não invento romances senão os que es-
«crevo; e engendro-os com a penna na mão. Penso num plano
«(às vezes nem isso), e os pormenores vão-me saindo como elles
«querem dos bicos da penna.

«Relendo outro dia o poema *A Primavera*, o que ali se diz con-
«tra a caça como divertimento, trouxe-me á lembrança o que
«me succedera em muito moça. Via algumas pessoas pescar por
«mero passatempo, e desejei imital-as. Varios dias me entretive
«doidamente com isso, e posso asseverar que não causei muitas
«mortes. Uma vez porém, ao erguer a canna, vinha no anzol um
«peixinho debatendo-se com grande angustia ao que parecia. Só
«então (vejam isto!) só então é que adverti em serem os peixes
«entes sensitivos; e tal foi a agonia que tive vendo os tranços
«porque passava o pobresito que ali tinha suspenso no ar, que
«fugi atirando-o á agua com canna e tudo; nunca mais pesquei
«nem consenti em ver pescar.

«Tambem outra accasão me diziam que eu não seria capaz de
«dar um tiro. Ora eu gostava então de fazer tudo: peguei numa
«arma caçadeira, e apontei a um passarinho duas ou tres vezes
«mas não me animei a disparar. Cá dentro em mim me dizia a
«consciencia: — «Com que direito te arriscas a dar a morte áquelle
«innocente?» — E comtudo poderia desfechar que de certo lhe não
«faria mal.

«Os pais que eu perdi sentiam a bastantes respeitos como o
«autor da tal *Primavera*.

«Não consentiam que em sua casa se maltratassem animaes,
«nem que por sombras se offendesse a pessoa mais rustica ou hu-
«milde; antes com estas usavam da maior brandura. Religiosos
«sem fanatismo, seguiam á risca o preceito de amar os humildes
«e de proteger os fracos.

«Meu pai era de uma bondade summa, e de uma rasão muito
«clara. Minha mãe, alem de boa, tinha uma alma poetica. Tendo
«eu sido dotada de um genio excessivamente alegre; foi-se-me
«este transtornando com as successivas desgraças de minha fa-
«milia.

«Aprendi o francez já aos vinte annos, e então mais se en-
«trou a mudar o meu gosto, porque me deram para ler obras
«de Chateaubriand, e outros livros d'estes que induzem a pensar,
«e inclinam o animo para a parte da melancolia.

«Uma lingua é um bello e grande instrumento intellectual. A
«aquisição do francez nada me custou; mas, ainda que me ti-
«vera custado muitissimo, valia bem a pena. Não era só que eu

*

«sentia alargarem-se os horisontes para os meus estudos, se os eu
«quizesse ou podesse fazer; é que até me encantava o comparar a
«diversidade nos modos de exprimir, que tanto extrema aquelle
«do nosso idioma; e deixe-me confessar-lhe aqui em segredo
«que, desde que entrei a comprehender com facilidade e exacção
«aquelle expressar tão outro d'este a que vivia acostumada, en-
«trou-me a parecer que havia talvez nelle o que quer que fosse
«de mais elegante e civilisado. Talvez, a final de contas, não fosse
«senão o rifão de *a galinha da vizinha*... Só annos depois é que
«tomei gosto aos nossos classicos, logo que me passou a febre do
«francez. Quando o aprendi, creio que até pensava em francez. E
«neste idioma escrevi alguns romances; (grandes são as afoitezas
«de quem sabe pouco!) Creio que teria muita facilidade em apren-
«der a ler e escrever diversas linguas, e muito pouca para as fal-
«lar. Não me era possivel, quando estava mais senhora do fran-
«cez, falal-o com quem sabia portuguez. Á terceira ou quarta
«phrase já lhe eu respondia como boa minhota que não renegava o
«fallar da sua terra. Nunca jámais conheci que tivesse negação para
«aprender fosse o que fosse; mas nunca tambem vi em mim grande
«propensão para uma arte ou sciencia qualquer. Sou como o
«homem de trinta officios, que não é mestre em nenhum, e morre
«de fome.

«O que me deu a idéa de escrever contos ou romances foi uma
«*Bona* que li em francez. Vem nesse livro um conto composto
«por uma menina; e aconselhava a *Bona* que as meninas, para
«se entreterem escrevessem aquillo para que tivessem mais geito.
«Fiquei contente e admirada. Tinha eu os autores por semi-
«deuses, e não podia imaginar que uma mortal podesse pegar
«na penna, a não ser para escrever uma carta ou algum rol.

«De muito nova, isto é de cerca dos 20 annos, comecei pois a
«engendrar os meus romances; mas por muito tempo só as mi-
«nhas mais intimas tiveram d'elles noticia. Depois que meu pai
«se deixou do commercio, e foi administrar um concelho rural,
«é que me entreguei com mais afinco aos romances, porque a
«vida no campo me dava mais logar para o trabalho e para aquella
«especie de devaneios.»

Até aqui mais que facil correu a tarefa do biographo; embre-
chou excerptos das cartas com que esta boa amiga respondia aos
seus arteiros interrogatorios; mas como fallará agora dos segre-
dos do seu coração, visto não haver coração neste mundo que
não tenha seus segredos? Sem elles nem mulher alguma seria
mulher, nem a historia da mais afamada nos interessára. O
oraculo tão prompto a todas as outras perguntas, fechou-se a

esta; reforçaram-se-lhe instancias; ponderou-se-lhe respeitosa-mente uma verdade muito certa e rasão muito sem contra: que um interior tão cheio dos mais delicados affectos e extremos naturaes, e com tanto calor de poesia, já não podia ser que alguma hora não houvesse experimentado um longe ao menos da paixão universal; nem que a um tão raro conjuncto de meritos se não tivesse jamais ajoelhado um adorador; sorriu-se, e ao cabo de um silencio que já por si era parte de confissão, respondeu: — «Se fui ou não amada, e se amei ou não amei, é coisa «de que eu mesma não estou certa. Dar nome de amor a um «affecto que os não absorve todos, e que até chega a desvanecer-se, sei que se usa, mas escrupulisaria eu em o fazer. Não «me interrogue pois a mim sobre este particular o meu caro es-«preitador, que não posso deveras satisfazel-o. Lance por outras «partes as suas pesquisas; e se descobrir no meu passado algum «episodio dos que deseja, dou-lhe licença de o escrever, porque, «se não tenho que alardeie, tambem não tenho que récate. Já «lá vae ha tanto tempo essa primavera das murtas floridas e das «rosas, das invejas aos ninhos matutinos, e das confidencias á lua, «que me reputo e sinto outra da que então era. Contar eu, não «posso; mas posso ouvir sem o minimo abalo. É chronica alheia; «ou será mais um romance meu) que eu não tinha escripto nem «escrevo.»

Assim autorizado eis aqui tudo quanto pude colher no assumpto, recorrendo ás fontes mais insuspeitas. Peza-me só não poder tributar nesta pagina os meus agradecimentos por estas revelações a duas das melhores amigas da nossa escriptora. Se não foram ellas, a nossa biographada só incompletamente nos ficaria conhecida.

Até aos 18 annos — dizem os depoimentos das incontraditaveis testemunhas que tirei — só pensava em rir, brincar e dançar. Nessa idade inclinou-se a um mancebo que mostrava distinguil-a dentre todas, se bem que nunca se lhe declarasse; por não querer? por não ousar? Por não poder. Se ella lhe furtava os azos todos! Ria e dançava com os outros como com elle. Aquella igualdade, apparente, mas tão perfeita, descoroçoava-o. Adivinhasse elle o que ia lá por dentro! ... Não era fogo, mas era calor bastante para medrarem amores perfeitos.

O acaso, ou a Providencia, separou-os. Ausencia e tempo fizeram o seu costumado effeito. Foi um amorinho que morreu no berço. A terra não só lhe foi leve, mas refloriu-lhe por cima.

Aos 20 annos, ou pouco mais, sobreveio outra affeição mais viva e duradoira, com quanto, verdade verdade, não brotasse da

sua semente natural, que é a sympathia; começou por compaixão; fortificou-se pela convivencia. Era um mancebo de figura muito desagradavel. Obsequiava-a sem ser attendido. Tinha espirito e chiste. A familia engraçava com elle; mas se era tão antipathica a presença! Um dia entra elle desesperado; acabava de lhe cair um infortunio domestico não pequeno. Bemdito infortunio! Conseguiu o dó num relance, o que as finezas nunca talvez concluiriam. Nessa hora acabou a isempta. Grande documento da verdade com que dizia o mestre da *Arte de Amar*:

*A côr a amantes propria (alguns dirão talvez
que a lei não vale; vale) a côr é palidez.*

.....
Para vencer em summa inspira compaixão.

Mais de anno durou sem quebra nem mingoa o affecto, de tão pura e generosa raiz nascido, no coração da nossa donzella; affecto digo, e não paixão, que a tão subidos quilates nunca elle chegou.

Era isto no Porto. Sáe Peregrina a passar dois mezes na aldéa. O amante fica na solidão da cidade; empenha instancias para que ella lhe escreva; não o consegue. Finava-se a inexperiente com medo de que viesse a descobrir-se o seu amor; como se todos o não soubessem!

O mais é que ella estava no seu asylo campestre satisfeitissima, a ver manar as aguas, a ouvir cantar os passarinhos, e a cheirar as flores; pensava nelle, e julgava que elle só nella pensava tambem!!! Era uma sonhadora acordada. Quem é que o não foi alguma vez? Acreditava na constancia dos heroes de novella; era essa a povoação do mundo imaginario em que ella mais vivia.

Regressou á cidade; tornou a vel-o com muito prazer. Assim foi correndo tempo.

Entra nova figura na sociedade que frequentam: é uma dama, d'estas que chamam *de espirito*; não o tem em maior auge que Peregrina, mas traz a melhora da novidade. O Grandisson começa a degenerar para Lovelace. Não demitte ainda a primeira, mas aspira disfarçadamente á conquista da segunda. — «Fiae lá nos homens!» — exclama aqui uma das testemunhas depoentes.

A enganada quiz a principio duvidar. O perfido e o proprio coração d'ella por muito tempo a illudiram; mas era coisa tão conhecida já a mutua intelligencia dos dois *espirituosos* infieis, que só uma extrema e incrivel boa fé, como era a da pobre traída

pelo amor e pela amizade, a podia desconhecer. Aquelles novos amores necessitavam de capa; sem o cuidar lhes servia ella para isso optimamente.

Cafo a final no engano, e ficou assombrada de tamanhas ingratições! Então amava já devéras; mas teve a gloria de que no meio dos tractos do ciume nunca se deu por achada ao infiel; nem suspeitar lhe deixou que tivesse a respeito d'elle a minima razão de queixa. Chorava, mas em segredo.

As relações dos dois, bem dignos um do outro pela covarde negrura do seu porte, tornaram-se *do dominio publico* e suscitaram a final murmurações graves. O verdadeiro objecto e motivo d'ellas nunca ao certo o soube a triste Sapho; mas ouviu dizer a seus pais que fechariam a porta ao bandoleiro, se elle jámais ousasse procural-os. Quiz ella ainda, sempre generosa, forral-o ao desgosto de tanta affronta. Escreveu-lhe um bilhete á pressa, e com o coração despedaçado de angustia. Custava-lhe infinito quebrar o tenue fio que ainda por ventura o retinha. Nem mesmo por essa occasião lhe dirigiu queixas! Dizia-lhe simplesmente que seus pais não tornariam a recebê-lo. D'ahi ávante poucas vezes o avistou. As suas relações com elle estavam quasi de todo extinctas.

Cansada da continua agitação em que trazia a alma, escreveu-lhe pela ultima vez dizendo-lhe se não constrangesse mais, e que lhe dava inteira alforria, se d'ella necessitava.

Tempo largo se passou sem o ella vér nem por acaso. Evitava-a tanto como antigamente a procurava. — «Devo-lhe esse favor» — dizia ella.

Passados muitos mezes («Homens! homens!» exclama aqui a outra testemunha depoente) o desertor quiz voltar ás bandeiras do seu primeiro juramento. Procurou duas amigas da mulher rara de quem se havia privado por querer, e cujo valor nunca tão bem conheceria como depois de a haver perdido por sua culpa. Empenhou-as para lhe obterem, como suprema graça, o acceitar-se-lhe uma carta com que esperava justificar-se.

A offendida não estava ainda radicalmente curada (os amores mais mal empregados, são ás vezes os mais contumazes); mas achava-se já em disposição para poder resistir á tentação de ouvi-lo; sabia que elle não podia justificar-se com verdades, e que tinha muita astucia. O seu character não era bom. Deu depois louvores á Providencia por elle se ter desgostado de tão singella e pura afeição.

«Se elle, em vez de me mandar fallar em justificações, fallasse «em arrependimento, talvez me tentasse» — dizia a ingenua victima, para quem, ainda assim, não foi pequena façanha o resis-

tir áquella supplica. — «Nada mais generoso que as mulheres» — exclamam aqui á uma, ambas as narradoras, a quem devemos todos estes instructivos promenores, de que seria facil distillarmos bons aforismos moraes para leitoras noviças, se o apuro do tempo e mingoa de espaço nol-o não vedasse.

Deixo no escuro os nomes dos dois personagens; o primeiro ainda é vivo, e o segundo morreu; mas existe a que o desviou de um amor tão bem estreiado, que, se elle não fôra um prodigo, o houvera a final conduzido a um paraíso terreal.

Entramos num periodo dos mais tristes: angustias publicas e nacionaes, angustias particulares e domesticas. Acenemol-o de fugida.

Corre o anno de 1832. Atea-se a guerra civil. Os soldados são parentes; os chefes irmãos. O seu principal campo vae ser o Porto. Não é, como vinte e dois annos atraz, Portugal uno e indivisivel pela sua independencia; é Portugal contra Portugal, invocando o futuro contra o passado, o passado contra o futuro; é Jano, com os olhos no poente e no nascente, a dilacerar-se a si proprio, com um pé a avançar, outro a retroceder, e volteando-se num turbilhão de fogo.

Ainda bem que já trinta annos nos apartam hoje d'esse spectaculo! os odios tiveram tempo de arrefecer. Metade dos que hoje vivem, não eram então nascidos. A outra metade aprendeu, sob a inspiração das cãs, que se os loiros são brilhantes, a fecunda é a oliveira; que as armas que d'elles se despenduram, só prestam á sombra d'ella refundidas em instrumentos de trabalho; e que o amor, em quanto os odios só devastam, é, depois de Deus, a unica potencia creadora neste mundo.

Agora pois, que todas as lagrimas de então se exauriram, todas as feridas cicatrisaram, todas as ruinas desapareceram sob reedificações, e ha para todos uma communhão — a da esperanza — corramos a ultima esponjada de Lethes por cima do quadro sanguinoso e horrendo d'aquelles dias. Se á historia chamam (não atino porquê) mestra da vida, o esquecimento é nestes casos o optimo conselheiro da mesma vida.

Nenhuma palavra pois de affronta ou de louvor exclusivo aos homens d'essa era que lá vai; não os animava a todos a convicção? não era a ella que num e noutro campo se obedecia e sacrificava?

No dia em que ás mãos vieram pela primeira vez os dois exer-

citos reaes em Ponte Ferreira, antes de imposto á cidade eterna o cerco memoravel, muitos dos moradores saíram d'ella com suas familias para as esquivarem ás calamidades que já se viam imminentes. Um d'elles foi Antonio Ventura. Deixemos á nossa escriptora o historiar a sua parte.

«Minha mãe padecia — diz ella. — A vista dos que se reconduziam mutilados e moribundos para os hospitaes de sangue, fez «nella tão afflictiva impressão, que chorando, com os olhos em «mim e minha irmãinha, que choravamos ainda mais pela ver «chorar, obtive de meu pai que partissemos, logo logo, para a nossa quinta de Moreira. Começou então para mim um periodo de «desgrças, como para muita gente. Que dia de tristeza não foi «o seguinte! Com a magoa de estar mal ferido um antigo amigo «(o capitão José Ferreira de Lima) e a ouvirmos continuamente «a fuzilaria e as peças, ninguem comeo nem dormio nesse dia «e no seguinte. Como eu tinha visto alguns feridos na vespera, «parecia-me ver os montes e valles alaistrados de corpos exangues. «Fomos vivendo depois uns dias tristes e afflictos, outros esperançosos, com as muitas patranhas, que então se mercadejavam barato, «e por toda a parte. Era meu pai infelizmente sargento-mór das «ordenanças, o que elle pedira para se livrar das milicias. Veio-lhe «ordem de D. Miguel para armar o povo. Obrou uma grande imprudencia, contra o seu costume. Não armou o povo, e creio «que nem respondeu ao officio do general. Cae-lhe de madrugada em casa uma guerrilha; levam-no preso. Não quiz elle seguir naquella conjunctura o conselho de minha mãe, que lhe «dizia, se recolhesse ao Porto, ou se homiziasse; suppunha elle, «com razão, que, se assim o fizesse, a familia e a casa padeceriam «muito. Mas que triste acordar não foi o d'aquelle dia em que o «levaram preso!... Minha mãe viu-o sair de casa com olhos enxutos... Ai de mim!... nunca mais havia de tornar a vel-o entrar «aquelles umbraes!... ella não queria desanimal-o. Apenas o perdeu de vista, vi-a chorar com uma desesperação como nunca até ali, nem depois, vi ninguem....

«Ora eu, ora minha mãe iamoz fazer companhia a meu pai «na sua prisão de Penafiel. Só o espirito sustentava minha mãe «de pé; o corpo definhava a olhos visto. Em quanto meu pai «esteve entre grades, não consentira que o fossemos ver; depois «que com dinheiro conseguiu ir para os sotãos da cadeia, e depois para a sala das audiencias, permittio que o visitassemos «a miudo, bem que fosse longo e mau o caminho da nossa quinta «ao seu carcere.

«Fomos, minha mãe e eu, passar á cadeia o dia de Natal de

«32 para animarmos a meu pai consolando-o com duas reminiscências vivas do seu caro domicilio. Que festa! que festa da Redempção! Quando ao outro dia saí, mal pensava eu que era a última vez aquella que via meus pais reunidos. Separamo-nos tristes. Minha mãe ficou, porque me tinha dito: — «Agora eu ou tu havemos de estar sempre com teu pai para o tratarmos, se cair doente.» — Sobreveio um typho horrivel, que matou mais de metade dos presos, pessoas da familia do carcereiro, o medico que lá ia, o cura que levava o Santissimo, e alguns visinhos da cadeia. Ninguém ousava lá entrar, nem aproximar-se sem susto. «Eu e minha mãe não tremiamos. Ensinava-me ella a desprezar esses receios, e dizia-me que o medo atraía as doenças. Quando a 26 de dezembro saí de Penafiel, levava a alma oppressa. Chegando a Valongo fui fallar com um magistrado, de quem estava pendente a condemnação ou livramento de meu pai. Tratou-me tão seccamente, e respondeu tão incivil ao que lhe disse, que me atemorizou por causa de meu pai. Minha mãe me tinha encarregado de dar aquelle passo porque sabia que o tal juiz dissera a quem lhe pediu por meu pai: — «Essa gente não se quer abater; passam por aqui, a mulher e a filha, e não se tem dignado de me procurar.» — Minha mãe procurou-o depois, mas não o encontrou; e não queria que por nossa culpa estivesse meu pai um só momento de mais entre ferros, e debaixo do cutello. Antes de eu ser admittida á presença do juiz, estive em pé no portal muito tempo com o creado que levava, e entre soldados e meirinhos que entravam e saíam. Subi tremendo; nem me mandou assentar! Essas coisas pouca impressão me fariam, se me não parecessem de máu agoiro para meu pai. Nem a elle, nem a minha mãe contei eu nas minhas cartas o como fôra recebida. Meu pai havia de se indignar; minha mãe se affligiria. Cheguei á nossa casa de Moreira mais morta que viva. Ao outro dia estava muito doente, mas fui-me aguentando de pé até aos tres ou quatro de janeiro de 33; então caí de cama. Era o introito de uma catalepsia. Peço desculpa se me dilatar nesta desagradavel relação; faço-o, por me parecer que talvez ainda algum dia a alguém poderá aproveitar. Já li a descripção de outro caso de catalepsia, e achei muito semelhantes os signaes ou principios d'aquelle ataque aos do meu. Se as coisas se passassem sempre assim, havia muito tempo de se avisar o facultativo, para este obstar, sendo possivel, a que se chegasse ao estado de total inanimação.

«Tinha eu vindo, como disse, de Penafiel, onde ficavam meus pais. Affligira-me em Valongo por ter sido mal recebida do

«juiz, que eu pensava havia de sentenciar meu pai, e não tinha «chorado. Estava aterrada, e tambem cansada da jornada por «tão ruins caminhos. Não tinha comido em todo o dia; mas, antes de jantar, quiz tomar um banho; fechei-me no quarto e «adormeci na agua. Acordei frigidissima. No dia seguinte estava «muito doente. Tinha dores de cabeça horriveis e uma despl- «cencia geral incommodissima; fui piorando de dia para dia. Le- «vantava-me porém, e escrevia regularmente a meus pais com «immenso custo. Não queria chamar o cirurgião visinho, porque «não tinha grande fé nelle, e dizia: — «Eu não sei expôr-lhe o «que tenho, e elle não adivinha.» — A final sempre me rendi ás «instancias das creadas e de minha irmãsinha. Fiquei de cama «(já não podia mais) e disse: — «Pois se querem chamem o cirur- «gião.» — E estas palavras para mim queriam dizer: — Sei agora «que morro.

«Não me enganava eu em pensar que o fisico não adivinhava. «Como eu vinha do foco de um typho horrivel, decidio que eu «estava com elle, e deu-me quina á antiga e á farta. A janella «e porta do meu quarto estavam, por ordem sua, sempre abertas «para correr o ar; e corria sofrivelmente!... Se minha mãe esti- «vesse comigo, não succederia tal, mas eu tinha-a enganado di- «zendo que tinha uma ligeira constipação, para que ella não «deixasse meu pai. Eu, que não morri então, é que tinha a na- «tureza bem forte!

«Poucos dias depois d'este tratamento estava eu o peor possi- «vel. Era noite. Não podia sofrer o minimo ruido, nem ver a «mais debil claridade, nem sentir o mais fraco cheiro, sem agra- «vamento de incommodo. Comecei a sentir nos bicos dos pés um «esfriamento que me foi subindo, subindo por todo o corpo; «e como eu nunca tinha morrido suppuz que por ali é que a morte «princiava. Sentia-me fallecer a pouco e pouco. Não tinha já «esperança nenhuma de chegar ao dia seguinte. Ordenei que me «chamassem o sacerdote que morava mais proximo. Ainda porém «houve demora, porque ninguem acreditava no que eu dizia. «Quando elle chegou, já eu não tinha movimento nem sensibili- «dade senão na cabeça. O corpo era como pedra. Saio o padre «do meu quarto a chorar. Era um bom velho amigo da familia. «Disse que eu estava muito fraca, e me havia de sacramentar «no dia seguinte de madrugada; que me dessem caldos a miu- «do. Veio logo um, mas eu estava já morta, ou assim o parecia. «Dizem que os gritos foram immensos; eu nada ouvi. Chegou o «cirurgião e aconselhou que fossem chamar minha mãe, que eu «estava finada; restando-me apenas um movimento quasi im-

«perceptível numa das fontes, mas que esse mesmo se ia apagando. Causou alarma a noticia; nós eramos bemquistos na terra. A mãe do meu confessor acudiu, não obstante a sua extrema velhice; e ainda que também lhe pareceu que eu estava morta, quiz tentar todos os remedios caseiros que lhe occorriam. Mandou apanhar muitas hortigas (depois de baldados outros medicamentos) e com ellas me fustigou as pernas. Comecei a sentir com aquillo um suave refrigerio; parecia que me estavam brandamente anediando. Tive então interior conhecimento, e ouvi, não o que se dizia em volta de mim, mas os choros de minha irmã, e de uma criada no quarto immediato; e dizia comigo: — «Choram por mim minha irmã e a Bernardina, e estão-me amortalhando.» — Ora eu sempre tinha tido um grande medo de ser enterrada viva. Desejava pois acabar de morrer e forcejava por mover-me para desprender mais depressa a alma do corpo. Parecia-me que ia voar pelo espaço, e cuidava poder apressar esse momento. Nesta ancia estava, quando chegou o cura para dar-me a Extrema-Unção. A zelosa senhora que estava procurando chamar-me á vida (D. Paula se chamava) tinha-me aberto a boca com uma faca e lançou-me um golo de vinho generoso na garganta. Abri os olhos e disse — «Ai que eu morro!» — Isto disse eu ainda com a idéa de que me estavam a amortallar, e querendo fazer saber que não tinha expirado ainda. Soltaram todos um grito de alegria. E eu fiquei admirada de estar ainda viva. D. Paula me disse que não havia de morrer, que Deus me tinha resuscitado. Vi o cura que se tinha afastado, pensando que me assustaria a sobrepeliz, e lhe pedi o Viatico, e isto com voz forte. Mas só na cabeça tinha sentimento; o mais do corpo era chumbo. O creado que ia chamar minha mãe, chegava a uma aldeia proxima quando ouviu tocar os sinos de Moreira para a saída do Viatico. Como mais ninguém estava doente de perigo na freguezia, ficou contente, porque lá discorreu que eu não estava morta.

«Eu no entanto não sabia que tivessem ido buscar minha mãe. O cirurgião tinha sido chamado outra vez, e tinha ordenado que me não fallassem senão o que fosse de absoluta necessidade, e nisso me fez grande favor. Eu estava muito cansada da contenda que comigo tivera (não espirito se entende) para morrer mais depressa, e do grande barulho que a boa gente da minha vizinhança tinha feito quando veio o Santissimo. Como em casa não havia quem impozesse respeito, e era a qual inculcava maior zelo, todos governavam, entravam e saiam, pregavam pregos nas paredes para pôrem cortinas, santinhos, flores e

«quanto lhes lembrava. Saltavam-me por cima do leito, acendiam e apagavam vellas; quando um rolo que no corredor proximo fumegasse, já me causaria grande affronta. Quando veio o «Santissimo acompanhou-o a freguezia em peso. Apinhou-se-me «o quarto de gente, assim como o corredor e tres salas, segundo depois se me contou. A affeição (repito) que tinham á minha «família, a novidade do caso, o estarem meus pais longe, e um «preso, é que deu motivo a tanta concorrência.

«D'ahi em diante quando eu ia visitar algum doente na aldeia, «e via os reboliços que se faziam para receberem com a maior «ostentação a visita de Deus, não me cansava de lhes repetir «que enfeitassem os arredores da casa, porém que no quarto do «doente fizessem a menos bulha que ser podesse. Mas por mais «que se lhes pregue, não se remendam. Como os sãos não padecem, não imaginam que padeçam os enfermos com o motim.

«Tornando á minha mesquinha pessoa: Nesse dia ás onze horas da noite adivinhei que minha mãe chegava, por ouvir ladrar os cães da quinta. Eu não sou nada supersticiosa, e não «posso acreditar que o coração adivinhe. Talvez as muitas saudades que eu tinha da presença de minha mãe, e o costume de «vel-a chegar á minha cabeceira ao minimo padecimento meu, «me levaram a presentir a sua vinda. Se eu me tivesse enganado, ficaria o meu presentimento por um delirio; como o successo confirmou o annuncio, fiquei eu por boa prophetisa. Assim devem ter nascido no mundo muitas crendeirices.

«Doe-me ainda hoje no fundo d'alma o pezar e trabalho que «a minha molestia deu a minha boa mãe. Se eu podesse com a «minha enfermidade mover-me para não passar pelo somno, «ter-me-ia assentado na cama, mal a visse pousar a cabeça; mas «não podia mecher-me; e a todos os instantes que se me cerravam as palpebras, tinha logo sonhos horriveis, de prisões, patibulos, desterrros em montanhas áridas, e acordava gritando; «e só a voz de minha mãe me accommodava. Queria não dormir, «para evitar pesadelos tão horrorosos, que me faziam delirar; «mas os olhos se me chumbavam, apesar meu, para logo se reabrirem espantados. Parecia-me que não dormia, porque o meu «somno não era descanso, era uma ancia e inquietação continua.

«Em fevereiro emfim estava melhor. Já dava alguns passos, se bem que a grande custo. Da cama e do quarto já eu estava «solta; mas tão perra dos nervos e dormente do corpo, que mal «me podia ter em pé por muito tempo, ou caminhar senão muito «vagarosa.

«Chega-nos a nova de estar meu pai mal disposto e de cama; «accreditámos logo que estava com o typho. Minha mãe chorou; «não podia ir, nem sabia consentir em que eu fosse, achando-me «apenas entrada em convalescença; convenci-a de que já estava «quasi boa, e podia ir sem perigo; rendeu-se, e eu parti. Não ia «meia legoa distante de casa, quando me começou a chover e «ventar rijamente. Minha pobre mãe chorou todo o dia, e resou com «minha irmã, que era ainda pequena. Tenho agora mesmo pezar «d'aquella tristeza d'ella por meu respeito!...

«Não me fez mal a excursão, e meu pai sarou depressa. Voltei «para o lado d'ella; aqui, ainda que o não parecesse, é que «andava o maior mal. Via-a eu com terror defecar-se de dia para «dia.

«Soou que meu pae ia ser julgado militarmente. Andavam sempre a mudar de resoluções. O nosso terror foi grande. Minha «mãe disse: — Se eu pudesse, filha, ia-me fallar com o conde de «S. Lourenço (era esse o general miguelista, que aquartelava pouco «distante, e que tinha os papeis e requerimentos de meu pai) mas «não posso... Se tu pudesses... Sei que em tempos ordinarios seria «feito que fosses a um acampamento; mas agora... — Respon-di- «lhe que iria, e parti logo. Fallei com um dos ajudantes do conde; «era nosso antigo conhecido, mas não me conheceu então. Disse- «me, que escusava eu de esperar pelo conde, que andava fóra. Os «papeis já não estavam na mão d'elle; tinha dado a sua informa- «ção ou parecer, e remettido tudo para El-Rei. Perguntei, tremen- «do interiormente, se a informação fora boa; elle surriu des- «dênhoso, deu-me a intender que fóra má. Retirei-me, e chorei «todo o caminho; o creado me perguntava o que havia de novo: «eu só lhe respondia com as lagrimas. Ao chegar perto de casa «sofreei o cavallo; fil-o ir devagar para compor o rosto e enxu- «gar o pranto; isto pude eu fazer, mas tinha os olhos incha- «dos.

«Minha mãe estava sentada numa esteira com minha irmã; pas- «sava parte do tempo alli deitada; lançou-me os olhos, e nada me «disse. Revestiu-se depois de animo, e me perguntou o que ha- «via. Disse-lh'o serena, occultando-lhe, o melhor que soube, tudo «o que mais a podia consternar; porém ella adivinhou o que lhe «eu dissimulava; depois nos caiu no leito, cada vez mais abatida.

«A afflicção que sentia ao notar o progresso do seu mal, não «sabia eu pintar-a. Era preciso servir-me de todas as forças «que minha mãe tinha creado em mim, para occultar-lhe a mi- «nha angustia. Até ali nunca tivera um receio, uma afflicção, «que lhe não communicasse; e as suas consolações e as suas

«ponderações rasoaveis me animavam; mas a magoa que então sentia, os temores que me assoberbavam, não lh'os podia participar, e isto redobrava o meu tormento.

«Poucos dias antes d'ella morrer, vi a primeira rosa da primavera. Corri a buscar-lh'a. Era doida por estas flores. Agradeceu-me com os olhos humidos, e pol-a no travesseiro. Nesse mesmo dia me disse um parente — «Andas enganando tua mãe, fazendo-lhe crêr que ha de resistir ao seu mal. É preciso que ella saiba o seu estado» — Apareci banhada em pranto á cabeceira d'ella. Olhou-me compassiva e me disse: — «Porque choras? Disseram-te que eu morria? Não te afflijas assim. Todos nós temos de morrer, e eu hei de ir quando Deus me chamar. Manda recado ao cura e ao tabellião; e tu, se eu partir agora, fica servindo de mãe a teus irmãos...» — Tirou um anelinho que trazia, e mettem-m'o no dedo.

«O seu fim não podia ser mais terno!... Pediu perdão ao povo que acompanhava o Viatico, e se despediu d'esses que lhe chamavam — A mãe dos pobres — como mãe e amiga... A má nova que lhe eu trouxera de casa do general, déra-lhe a ultima enchadada. A primeira, e já bem funda, fôra a minha doença. Que dois remorsos para o meu coração! Ha 28 annos que a vi e a beijei pela ultima vez, e a sua lembrança me está ainda inundando de lagrimas este papel, como se de hontem fosse a minha orphandade.

«Minha irmã que neste momento se acha ao meu lado, seroando em silencio, e seguindo com os olhos rasos d'agua a minha escripta, diz-me, beijando-me, que tenho rasão, e acaba soluçando, sumindo a testa entre as mãos, e fechando os olhos para ver ainda uma vez o anjo que nos deu a vida e nol-a está protegendo lá de cima.

«Perdemol-a a 11 de maio; no mez de Maria, de quem tinha o nome; no mez das flores, de que tinha a suavidade; no mez que assim é duas vezes de esperanças, veio a ter quem tão longa vida merecia, um fim bem desamparado.

«Por muito tempo (mais de anno) acordava eu sobresaltada todas as noites, figurando-se-me que a ouvia chamar por mim. Fui sua unica enfermeira, e então bem inexperiente ainda nesta arte da caridade tão preciosa e tão delicada. Quanto me não peza hoje a minha insufficiencia de então! Estava acostumada a seguir só as suas ordens, e o phisico que a *tratou* foi o mesmo que me havia *tratado* a mim.

«Meu pai dizia depois, quando se tocava naquella perda tão prematura, que, se não fôra a religião, teria posto naquelle

«desastre termo aos seus dias. Eu dava-lhe toda a razão sem lh'o dizer.

«Lance mais amargo na existencia nunca o tive; quando em tal pensava pelos annos fóra, a mim mesma me queria mal por me ter antes affligido com coisas pequenas, e protestava de me não mortificar nunca mais com bagatellas. Mil vezes tenho quebrado este protesto: uma ninharia me faz ainda impressão; a reflexão me faz conhecer depois, que sou louca em dar valor ao que o não tem.

«Quinze dias depois da morte de minha mãe, estava eu deitada, e senti-me abraçar. Era meu pai, que tinham deportado para Vizeu, e que de lá fugira. Vinha passar em casa comnosco dois dois dias e trasladar-se para o Porto, onde o cuidado dos seus negocios o chamava. Que alegria tão triste a d'aquella suspirada visita! Os seus olhos pareciam pedir a cada uma de nós, a cada porta, a cada recanto da sua casa, a cada arvore da quinta, a esposa que elle ainda não podia acreditar haver perdido; e caindo em si, como reliquias d'ella nos abraçava. Agora choro recordando-me d'isso; então concentravam-se-me as lagrimas no coração.

Voltou emfim ao Porto; achou, como era de temer, a sua casa de negocio muito abalada. Commerciava em sedas; e já se vê o que tal genero valeria no tempo d'um cerco onde se carecia até do pão! A fraude de um que tinha por amigo, deu-lhe o golpe final: quebrou. Se minha mãe ao menos fosse viva!... Ella era, como seu tio abbade, filosofa christã, e ensinar-lhe-hia a soffrer aquella desgraça com valor. Meu pai era por extremo sensível ás arguições dos credores, ou antes ao receio de que lh'as fizessem, pois que ninguem, que eu saiba, ousou libar a sua honra, imputando-lhe a fatalidade que o perseguia. A sua desesparação foi excessiva, muita vez reciei que ella o cegasse a ponto de suicidar-se. Animei-o eu como pude. Tive o gosto de saber que aos credores pobres, como eram tintureiros e tecelões, nem um real se ficou devendo.

«Depois d'esta catastrophe ainda residimos todos no Porto por algum tempo, finalisada já a guerra; e de lá nos trasladámos para Moreira na Maia, concelho de que meu pai foi feito administrador; aqui vivemos annos felizes. Por muito tempo não saí de casa; parecia-me que haviam de dizer: — «Ali vai a filha de um negociante fallido» — Procurei a paz do retiro e a ventura da solidão. Diverti-me estudando o italiano e inglez sem perceptor. Já se póde ver que progresso eu faria. Entendia apenas o que via escripto nestes idiomas. O meu pequeno piano tambem

«mê entrelinha ainda que eu sabia pouquissimo de musica. Os «livros, sobre tudo, faziam que os dias fossem para mim pequenos «no verão, e as noites de inverno breves. Lia então livros melhores. «Foi por esse tempo que me atrevi a mandar alguns romances para «o *Archivo Popular*, mas anonimos; e escrevi ao redactor da *Revista «Universal* com o pseudonimo, muito verdadeiro, de *Obscura-Portuense*. Esse redactor (Deus lhe perdoe) fez-me sair a terreiro «com o meu nome, e deu-me ousio para abusar da paciencia do «publico, que não é lá das paciencias mais evangelicas.

«Novas tristezas que occorreram, por causa de meu irmão, «atormentaram os ultimos annos de meu pae, e lhe abreviaram «a vida. Eu e minha irmã soffremos muito... Ao menos eramos «duas para nos consolarmos mutuamente.

«Nosso bom pai nos dizia muitas vezes: — «Eu fui bom filho; «mas vós o sois ainda mais. Eu não vos merecia tanto»! — e mere- «cia tudo. Pobre pae!

«Todo o anno de 56 até 6 de novembro... estive meu pae en- «tre a vida e a morte. O antecedente já o passara muito mal. «Mais de anno levámos no quarto d'elle, ou eu ou minha irmã, «e muitas vezes ambas. Que noites e que dias!... mas sobretudo «as noites, em que os ataques de pulmão eram mais fortes!... «Meu pae nos dizia nas suas afflicções mil coisas ternas que nos «despedaçavam a alma. Lamentava o futuro do filho que tanto o «affligira; lamentava que nós ficássemos sós, sem termos uso de «dirigir os negocios da casa de portas a fóra, e muitas vezes bo- «quejava, como que entre si, olhando para nós: — «Coitadinhas!... «coitadinhas»!... — Estas expressões de melancolica ternura eram «as unicas que nos ultimos tempos proferia; e pedia-nos, quan- «do já pouco se entendia, que o não desamparassemos nos ulti- «mos momentos. Assim lh'o promettiámos suffocando os nossos «gemidos, e dizendo-lhe palavras de consolação; e elle murmu- «rava: — «Animae-me sempre... dizei-me essas coisas...» —

«Um dia estava elle dormitando; nós fatigadas nos assentára- «mos no tapete ao pé da cama. Accordou e chamou afflicto por «nós. Ergui-me e lhe disse: — «Estamos aqui. Não o deixámos um «momento.» — «Isso sei eu... isso sei eu» — respondeu com os olhos «cheios de lagrimas. Alguem poderá morrer de afflicção; eu e «minha irmã somos de tempera rija, pois que resistimos a tão «prolongado martirio.

«Tinha eu por costume escrever quotidianamente algumas pa- «lavras do como passára o dia. Deixei-me d'isso quando perdi de «todo a esperanza de ver meu pae resistir ao seu mal. E tarde «se me acabou essa esperanza!... Quando esfolheio agora esse dia-

«rio, aperta-se-me o coração. Um dia, esperava ver meu pae melhorar no seguinte; no seguinte, receava; no outro, desesperava!...

«Depois que elle faleceu, muitos remorsos me puniram. Parecia-me que se eu tivesse chamado mais cedo este ou aquelle medico, se lhe tivessemos dado menos remedios, ou mais remedios, se lhe teria conservado a vida!... Hoje estou persuadida de que nada valeria. Homeopatia, allopatia, tudo foi inefficaz.

«Outro remorso que eu tambem tinha, era de não ter sido mais applicada aos negocios exteriores da casa. Deixava-lhe a gerencia d'elles em tudo; e ainda que elle gostasse d'esses trabalhos, persuadia-se (e não se enganava muito) de que eu não tinha quèda para aquellas coisas, e isto o affligia muito nos ultimos tempos: «— «Vós nada sabeis do mundo! dizia elle. Estaes com os olhos fechados... e eu tenho parte da culpa!... Haveis de ser logradas»... — No entanto não foi assim. Estou firmemente convencida de que do outro mundo segue o pae com a vista os filhos que deixou neste; e se alegra, ou entristece, se os vê felizes ou desgraçados. E por isso Deus premeia os filhos do bem que os paes fizeram. O meu, nos empregos que tevê na sociedade, protegeu sempre os pequenos e particularmente os orphãos e viuvas, de quem tinha muita compaixão. Deus o recompensa de certo, fazendo que nós sejamos protegidas por amigos e desconhecidos. Fomos e somos respeitadas; ninguem, ou quasi ninguem se tem servido da nossa ignorancia e desamparo para nos prejudicar. A sua morte deixou um vacuo na nossa existencia!... Vamo-nos agora acostumando a essa perda irreparavel. A separação (ao menos da minha parte) não póde já ser demasiado longa; a nossa familia não é daquellas em que se vive muito.

«Depois da morte de meu pae tive de sustentar muitas demandas com meu irmão. Foi para mim um supplicio de novo genero! Eu tive sempre horror a questões juridicas, e não juridicas, e tive-as de todos os generos. Ignorei por muito tempo (e ainda não estou muito adiantada) os termos forenses. Quando fallava com o meu procurador, não sabia ás vezes de qual das demandas me tratava; e quando lhe queria perguntar por uma, trocava os termos; de sorte que precisava usar de rodeios para fazer-me entender. Vencia-as, hoje estou sem esse flagello, e góso de uma paz domestica inalteravel.

«Nunca foi interrompida a harmonia entre mim e minha irmã.

«Tenho cuidados, que me não deixam entregar inteiramente aos meus gostos litterarios, e rendimentos escaços que me prohibem comprar esta ou aquella obra; mas cá me contento com

«o quinhãosinho de ventura que desfructo presentemente. Aprendi desde muito nova a não desejar o que não podia obter. Se não fôra minha irmã, que de certo viverá mais que eu, podia empenhar-me e *manger mon blé en herbe*; mas também não tenho genio de destruir.»

«Porque não casei eu? Ah! vão francamente as razões, meu bom amigo. Em muito nova é provavel que eu o fizesse, se alguem, que estimava, não pagasse com ingratidão o meu singelo affecto. Depois fui viver no campo, e os cuidados filiaes e fraternaes me desviaram de pensar mais em tal. Minha mãe, pouco antes de expirar, recommendava-me que supprisse, quanto pudesse, a sua falta para com minha irmã muito mais nova do que eu, e para com meu irmão a quem Deus recusára intendimento.

«As tribulações politicas, e a fallencia que d'ellas nos resultou, sequestraram-me cada vez mais da sociedade, e cada vez mais me fizeram tremer das contingencias do futuro. Meu irmão, apesar de não ter capacidade para ser pae de familias nem para saber governar uma casa, quiz deixar-nos e casar-se. Levou o melhor do nosso haver. Só nos restou com que vivermos parcamente; isso mesmo, só conservando-nos unidas as duas irmãs. Esta prisão mutua dos nossos corações fundada pela natureza, confirmada por nossa mãe agonisante e pelas ultimas recommendações de nosso pae, robustecida emfim pelo uso da convivencia, pela analogia dos gostos, pela certeza em que estava e está cada uma de nós de que nenhum ente no mundo nos amaria nem mais nem tanto, — tudo isto fez dos nossos dois celibatos um consorcio de almas que a nenhum casamento invejaria. Agora não ha já perigo de eu faltar ao compromisso; salvo se endoidecer, o que espero em Deus não succederá. *Tudo o que Deus faz é por melhor*: dizem os Moreirenses, e dizem bem. Hoje penso que foi uma felicidade não casar; o meu grande infortunio foi morrerem meus paes antes de mim. Eu não servia senão para ser filha-familias; o mundo não foi feito para mim. Gostava de obedecer quando as ordens eram boas, e sobre tudo a paes tão brandos como eu tive. Quando leio a descripção que Silvio Pellico faz da sua familia e dos seus primeiros annos, entorneço-me; podia dizer o mesmo dos meus, excepto de meu pobre irmão, que não tem imputação dos males que tem causado... Os maiores foram a si mesmo... O seu futuro me assusta!...»

«Quer que lhe falle ainda mais a meu respeito, meu caro curioso? Não vale muito a pena, mas eu gosto de conversar com

«quem me escuta bondosamente; dizem que é pécha de quem vive solitario.

«Creio que tenho algumas qualidades de meus paes, mas não em tão subido gráu; e a perspicacia materna nem por sombras me tocou; na boa fé, que ás vezes degenera em simpleza, saio a meu pae, sem lhe sair na bondade.

«Quando me recordo de certos tempos que lá vão, rio-me agora do que então chorei, rio-me da minha pouca perspicacia quando me enganavam, ou arrenego-me comigo mesma, por ter malbaratado tantas lagrimas. Na occasião em que minha mãe definhava e eu a via á borda da sepultura, dizia no meu coração, lembrando-me d'isso: — isto é que são magoas.

«Fallei-lhe de meus excellentes paes, deixe-me fallar-lhe também das minhas amigas; vá já agora tudo quanto pertence ao coração. Não ha pessoa que tenha sido mais feliz em amizade. Tenho bastantes amigas, e todas tão boas que as não merecia, senão porque pago os seus affectos em igual moeda. A principal é minha boa irmã; as outras são, umas mais, outras menos intimas; quasi todas são minhas do tempo da mocidade; algumas até da infancia. Eu posso dizer o que alguém dizia, fallando de si: — «Os meus amigos morrem, mas não me deixam!» — E algumas tenho assim perdido; a morte m'as roubou com profunda magoa minha. Nunca houve desintelligencia entre mim e ellas; rivalidades, invejas, competencias nunca entre nós ergueram barreiras ou tropeços.

«Eu queria saber definir, se é por ser mais vaidosa que os outros, se por ser menos presumida, que me confio cegamente nas pessoas que me favorecem com a sua amizade. Uma vez persuadida de que alguém me estima, nem qualquer coisa me despersuade d'isso; e o silencio d'essa pessoa póde mortificar-me, mas não offender-me.

«Ora quando eu estava na idade das affeições ternas, devia ser uma namorada muito commoda; podiam lograr-me á vontade!... Creio que o excesso de vaidade ou a carencia de orgulho, não tem nada que ver com o meu genio confiado; isto em mim é uma propensão para julgar os outros por mim mesma, que nasceu comigo, e comigo ha de morrer. Quando era nova tinha também meu tanto ou quanto de parvoa.

«Desde que fui viver no campo tomei o habito de não estar um momento ociosa; e assim consegui passar o tempo satisfeita, quando não tinha magoas. Os males fisicos não tinham licença de me entristecerem.

«Quando estava só, lia e escrevia mais do que trabalhava; e, se

«estava com alguém de confiança, cozia ou bordava, de sorte que pareceria impostura a minha actividade em trabalhos feminis. (Ainda hoje me succede o mesmo). Meu bom pae me dizia muitas vezes, rindo, que eu tinha algum demonio buliçoso que me não deixava no *dolce fare niente*; outras me dizia, serio, parecendo-lhe que o trabalho me fatigaria: — «Tens trabalhado bastante na tua vida, chega o tempo de te dares ao descanso.»

«Os dias, e sobretudo os serões, que passo mais gostosa, são aquelles em que estou com amigos a conversar e a ler, ou mesmo só com minha irmã; eu a trabalhar, e ella a ler.

«Eu descrevi só as tempestades da minha existencia; o tempo bonançoso era uniforme e monotono. Ler, escrever, trabalhar, eis o que enche essas lacunas.

«Para escrever necessito de socego; e por isso nunca trabalho com mais prazer do que á noite, depois que toda a familia está recolhida, e sobre tudo me é mister a paz de espirito. Sempre que desgostos de familia, ou cuidados domesticos, me perturbam, descança-me a penna.»

«Sim senhor, escrevo ainda; apesar de estar velha, parece-me que a minha alma o não está muito (algum tanto sim), e, se não fosse o positivismo, creio que ainda rabiscaria muito papel. Mesmo assim rabiscô bastante, mas quasi sempre sobre coisas materiaes e precisas na vida. Diz-me o meu bom amigo que perde muito tempo com estas coisas tambem; mas parece que o tempo se lhe torna elastico!... Eu não posso bastar para servir a dois senhores. Não sei que ha em mim de acanhado e mesquinho; mas o certo é que a mais pequena contrariedade me tira a possibilidade de me entreter com a minha penna.

«Muito tenho eu hoje palrado nesta carta sobre nada, ou a proposito de bem pequena coisa. A culpa é mais sua que minha; não me desse corda. De mais, peguei em folha de papel de formato grande, e sou como aquelles que ao separarem-se dizem adeus em quanto a distancia o permite. Não sou como o D. Basilio do Barbeiro de Sevilha; não torno atraz para dizer *buona sera*; mas em quanto estou á falla, aproveito o tempo, isto é, quasi nunca pego em segunda folha de papel. De sorte que, bem pensado, não sou eu que governo o tamanho das minhas cartas, segundo o que tenho para dizer, é o papel que governa. Isto succede só com as cartas que escrevo a pessoas com quem me entretenho a palrar o que me vem ao bico da penna.»

«Mas deveras, deveras, sempre quer o catalogo dos meus romances e contos? elle ahi vai:

ROL DOS ROMANCES.

No *Archivo Popular* saíram (ainda engeitadas) umas coisas em rima, a que chamei chacaras, e que foram:

Bernardo del Carpio.

Erico e Batilde.

Jacques 1.º — Chamei-lhe Jacques; devêra chamar-lhe Tiago, a não lhe dar o nome inglez.

Chacara — sem nome.

Um cavalleiro portuguez.

A moira de Lissibona.

E os pequenos romances: — *Historia de Adelaide* — *A falta de uma mãe* — *Longuinhas* — *Zulima ou a cruz de oiro* — e — *Ricardo e Margarida*. Isto foi nos annos de 42 e 43.

Em 1848 saio no *Periodico dos Pobres* do Porto: *Roberta* — romance um pouco mais crescido, e que hoje me desgosta a mim mesma pela pessima linguagem; mas que me agrada nalguns passos, a que eu acho graça.

Depois dei com o meu nome, ou iniciaes, em diversos periodicos, os seguintes romances, alguns muito pequenos:

O amor missionario.

Vinganças de vinganças.

Uma historia contada a tempo.

Egoismo com capa de amor.

O Tutor de Virginia.

Uma boa filha é a alegria de uma boa mãe.

Uma vida amargurada.

O cavalleiro do cruzado novo, e o cavalleiro do botão de rosa.

O Jogador.

O Magnetismo.

O homem dos proverbios

Fatalidade.

Carolina.

Consequencias de um mau passo.

Amarilis no campo.

Sala de visitas e pavorosa saida.

Os fantasmas.

Testamentos vocaes — seguimento do antecedente

Aristocracias diversas ou o genro desejado.

Providencias de Alvaro, e incurias de seu irmão.

Os sobrinhos da tia Brigida.

Passados quatro annos. Seguimento do antecedente que se não acabou por morrer o periodico.

Em 1850 houve um periodico litterario no Porto intitulado *Pirata*. Dei nelle 2 romances :

Henriqueta — que a mim (!!!) me arrancou lagrimas.

Inconstancia involuntaria — pequeno romance.

No *Iris* do Rio de Janeiro safo:

Pepa — e o principio do — *Rhadamanto*.

«Neste *Rhadamanto* ando eu agora trabalhando; já o compuz «duas vezes, e duas vezes o perdi; mas é provavel que durma ao «lado de outros companheiros. Saiu finalmente num volume seu «conhecido, pois lh'o dediquei, a minha novella provinciana : «*Retalho do Mundo*. Tenho queimado (sem exageração) mais de duas «duzias de romances que não prestavam para nada, e que só «tinha escripto para me divertir. Alguns outros tenho que me- «reciam a mesma sorte; mas minha irmã tem mettido embargos «ao auto-de-fé.

«Coisas de mais vulto não as escrevo. Os meus vãos são rastei- «ros; de romances não passo.

«Por uma só razão é que não sou totalmente desconhecida: é «por serem raras, entre nós, senhoras que escrevam bem ou mal.

«A razão porque não hei de imprimir o *Rhadamanto* (meu filho «de predilecção) é porque não posso esbanjar meus parcos rendi- «mentos; e imprimil-o com assignaturas é o que não farei.

«Os meus romances (muitos d'elles pequenos, alguns pequenis- «simos) não valem muito na generalidade. A maior parte os es- «crevi sem outrò intuito que de dar um original a um redactor «que m'o pedia, ou que me obsequiava com a sua folha.

.....
«Prefiro: *Henriqueta*, por ser sentimental; *O Jogador*, *os Fantas- «mas*, *Testamentos vocaes*, e *Vinganças de vinganças*, por terem mo- «ralidade, e algum interesse; *Aristocracias diversas*, *Magnetismo*, «*Amarilis no campo*, por terem algum chiste. (Isto, bem entendido, «no tribunal suspeito do meu entendimento).

«Se eu tivesse a possibilidade de mandar imprimir os melhores «dos meus romances, fal-o-hia; mas não me é possível, ao menos «por ora; e não tenho no Porto quem se queira arriscar a perder «o seu dinheiro sem honra nem proveito.

«Em poesia sou eu uma profana; não fui iniciada na maço- «naria poetica. Só o ouvido me diz aquillo que me agrada.

«Eu tenho pesar de não ter o condão de fazer versos. É um «condão raro; consolo-me com isso.

«Admiro a paciencia de algumas pessoas. Se todas fossem como eu, não se fariam trabalhos de primor em que fosse preciso «gastar a paciencia de um santo; sobre tudo em tempo de «calma, como este.»

Terminando aqui a noticia biographico-litteraria de D. Maria Peregrina de Sousa, fica-me licito dizer, sem tacha de fatuidade, que doeí á nossa *Revista Contemporanea* uma serie de formosas paginas, que hão de ser relidas por todos, como ainda hoje o é a chistosa e natural, noticiosa e affectiva correspondencia da Marquessa de Sevigné. A photographia e o buril não reproduziriam as feições da nossa illustre conterranea com a verdade e vida com que se retractaram, a sua bella alma, o seu espirito superior, o seu coração excellente nas desambiciosas cartas suas com cujos extractos compuz na quasi totalidade esta noticia. Os apostolos da educação e instrucção do sexo feminino, os partidários da graciosa simplicidade no escrever, e os amantes da pureza da lingua patria, todos me agradecerão, espero-o, por ter anteposto aqui sem annuencia, nem previo conhecimento d'ella, a sua á minha penna.

Possa ella perdoar-me esta inconfidencia e reler sem enfado estas suas conversações, que a mim só me peza não ter podido ampliar ainda muito mais. Eu assistirei em espirito a esta leitura entre as duas irmãs no seu retiro de Moreira, de Leça ou de Matosinhos. Quando a modestia da que eu expuz aos olhos do mundo me acusar, terei ao pé d'ella quem me justifique e a convença, mostrando-lhe que esta corôa, se o é, pertence a ambas por igual. E se para si a não quizerem, a podem religiosamente depôr no cipreste commum de sua mãe e de seu pae.

A. F. DE CASTILHO.

A ERMIDA DE CASTROMINO

VIII



oucos minutos depois da partida de Manoel de Oliveira voltou o guardalivros com o balanço. Era ainda avultado o activo da casa, porém a realização forçada podia diminuil-o consideravelmente, e faltava dinheiro para o giro ordinario que apesar do credito exigia grossos capitães.

Chegariam brevemente protestadas as lettras de Hamburgo. O dinheiro de Londres parecia perdido. De que valia ter propriedades e depositos de generos, não se podendo liquidar e vender sem revelar graves apuros? Em caixa havia apenas vinte e cinco contos em metal, e cinco em acções de minas que dariam perda. As lettras para cobrar no reino inteiro não excediam a sessenta contos, e algumas deviam ser reformadas, se o acceitante o exigisse, porque fôra esse o ajuste.

Caetano da Silva expondo a Henrique a situação da casa, julgava infallivel a quebra, mas dizia que o sr. Oliveira não estava preparado para ella, e que a posição era perigosa, muito perigosa para a honra do fallido. Não sei se accusava o velho por não ter seguido os seus conselhos. É costume de quantos assistem a grandes desastres que não

saberiam ter evitado, e para os quaes ás vezes contribuíram ! É o coice do asno no leão moribundo !

Objectava-lhe Henrique que obtido o dinheiro para as letras de Hamburgo tudo se poderia compôr, e que mesmo essas letras tendo sido passadas a favor do Contracto do Tabaco e do Banco, talvez se podessem reformar. Caetano da Silva abanava a cabeça, dava á physionomia apparencia severa, e repetia que Manoel de Oliveira não estava preparado para esta catastrophe.

Conhecia Henrique o character sizudo de Caetano, e o costume que tinha de não dizer as coisas senão depois de largos rodeios. Instou pois com elle para que revelasse tudo, indicando-lhe que era impossivel dirigir bem a casa em similhante crise, sem conhecer a fundo o estado de todos os negocios d'ella. Caetano da Silva abaixava os olhos; callava-se; ia até á janella; suspirava, mas não dizia palavra. Afinal Henrique apertou tanto com elle, que alcançou saber que em outra escripturação de que não resava o balanço havia irregularidades de grande monta.

— Mas no balanço deve estar tudo, volveu Henrique, ou não é verdadeiro e leal.

— É que, sr. Henrique de Mello, aqui ha...

Neste ponto um creado annunciou que estava ali o sr. José de Gouvêa, thesoureiro da Misericordia. Em quanto o creado voltou a pedir ao novo visitante que se dignasse esperar alguns minutos na sala em que o introduzira, Caetano revelou a Henrique que na caixa da Misericordia saltavam sommas consideraveis, que o sr. Oliveira tencionava inteirar com os fundos de Londres, e que taes sommas não figuravam no balanço com declaração da sua procedencia, porque a escripturação da Santa Casa era separada. «Ahi nesse papel, accrescentou Caetano da Silva, estão na conta particular creditadas ao sr. Oliveira, porque foi dinheiro dado por elle para a caixa.»

Empallideceu Henrique ao ouvir esta declaração. Até então só vira necessidade de energia e de trabalho. Essa não o assustava. Mais longe observára a possibilidade de salvamento, ou a pobreza honrada. Também o não abalára o receio de tal porvir. Mas agora era a des-honra, o crime de depositario infiel, o desvio dos bens dos pobres, o abuso de confiança, a prisão sem fiança, o processo crime, e a pena de furto ou a de trabalhos publicos, se equiparados aos empregos publicos os cargos das Misericordias, fosse applicavel ao réo o castigo determinado no artigo 313.º do Codigo Penal.

Conheceu Henrique o perigo em que estava Manoel de Oliveira, e nesta hora infausta lembrou-se unicamente dos beneficios que lhe devia, e do amor que tinha a D. Anna. Resolveu arriscar tudo para salvá-los. Já não duvidava Henrique de Mello do sentimento amoroso que

lhe inspirára a filha do negociante. Se duvidasse, este era o melhor ensejo de medir a profundidade da sua paixão. Quem se não affasta da desgraça, faz uma acção virtuosa. Quem não abandona a deshonra, imita a misericórdia divina e pratica um acto de heroicidade, que a religião inspira, mas que não se realisa sem que o amor dê a força necessaria para tão ousado commettimento.

Foi rápida a resolução de Henrique. Foi a primeira inspiração da alma, aquella que o principe de Talleyrand mandava acautelar por ser sempre bôa! Henrique voltando-se para Caetano da Silva, reprehendeu-o por ter consentido nesse abuso, não lhe admittindo a desculpa da obediencia ás ordens do patrão, porque nesses casos o empregado honrado, para não deixar de o ser, despede-se. Observou-lhe que os livros de um negociante devem estar sempre em estado de irem do escriptorio para o tribunal, como a consciencia do homem virtuoso ha de andar sempre preparada para comparecer deante do Supremo Juiz, e terminou notando que o guarda-livros de um commerciante não é machina de escripturação e de conta, é tambem fiador moral da lisura das transacções para com o publico.

Depois d'esta habilidosa admoestação que incutindo no guarda-livros o terror da cumplicidade o obrigaria a trabalhar por interesse proprio na salvação commum, deu-lhe ordem para mandar entrar o thesoureiro da Misericórdia.

O Sr. José de Gouvêa era um proprietario da cidade, rico, e avaro, mas egoista e preguiçoso. Por causa d'estas duas ultimas qualidades puzera nas mãos de Manoel de Oliveira o cofre da Misericórdia, pelo modo que fica narrado, e nunca mais viera saber do dinheiro legalmente confiado á sua guarda e vigilancia. Entrou com bastante precipitação, e encontrou Henrique passeando no gabinete. Olhou para todos os lados buscando o velho negociante, e não o descobrindo ali, estacou no meio do quarto exclamando com certa anciedade:

— O Sr. Manoel de Oliveira? Cuidei que estava aqui.

— O Sr. Manoel de Oliveira está doente. Teve más noticias pelo paquete. Nestes ultimos dias perdeu em duas quebras 500 contos.

— Senhor Deus, misericórdia! E então agora?

— Então agora, respondeu Henrique sorrindo e sentando-se em um sofá, estão perdidos. É tractar de não perder outros. Sente-se, Sr. Gouvêa.

— Muito obrigado. Estou muito bem. Mas outros quinhentos contos, voltou José de Gouvêa sentando-se em uma cadeira e limpando o rosto onde o susto de ter de repor o cofre da Santa Casa se transformava em bagas de suor, outros quinhentos contos não se perdem assim.

— É mister tel-os. Não é verdade, Sr. José de Gouvêa?

—Justamente, meu senhor.

—Pois o Sr. Manoel de Oliveira está nesse caso, graças a Deus.

—Póde ser, retrucou o thesoureiro com voz duvidosa. Elle passava por um dos homens mais ricos de Portugal, e assim devia ser ás despesas exorbitantes que fazia; mas, Sr. Henrique de Mello aqui para nós 500 contos é muito dinheiro. E então depois de ter perdido outros 500!! Emfim isso é lá com elle. Deus queira que lhe não aconteça mal, porém eu preciso fallar-lhe hoje por força.

—Hoje é impossivel. Se elle está de cama...

—Pois irei fallar-lhe á cama. É que posso ficar perdido, Sr. Henrique de Mello. Sou responsavel pelo cofre da Misericordia, e elle está aqui. De uma hora para a outra cae a casa, e eu não quero ficar de baixo. Nunca fiz mal a ninguem, mas não tenho passado privações para a final ficar pobre como Job. Isto não é duvidar da probidade do nosso provedor, mas emfim como aquelle que diz...

—Mas para isso, interrompeu Henrique, escusa ir incommodar o Sr. Manoel de Oliveira. Quanto deve estar na caixa da Santa Casa?

Eu nem sei. Ando agora neste desasocego pela confiança que tinha no Sr. Manoel de Oliveira. Elle punha e dispunha, e eu assignava de cruz.

—Pois eu lhe digo já a somma que tem para receber.

—E quando poderei recebê-la?

—Já mesmo, se quizer.

—Já, não senhor; mas amanhã...

—Amanhã é domingo.

—E na segunda feira de manhã? Bem vê que andam na cidade uns rumores...

—Hoje ou segunda feira, quando quizer, respondeu Henrique. O dinheiro está prompto e não faça caso de rumores. Viva socogado. Cá estou eu dentro da náó, e não tenho medo da tormenta.

Henrique tocou a campainha. Veio um creado e recebeu ordem de ir chamar Caetano da Silva que appareceu logo prevenido para o negocio de que elle sabia melhor que ninguem por ser quem depois da sahida de Henrique de Mello dirigia todos os negocios e transacções da casa.

—Que somma deve estar no cofre da Misericordia? perguntou Henrique.

—Noventa e dois contos seis centos e setenta e nove mil réis, parte em notas, parte em metal, respondeu o guarda livros.

—E ainda se conservam em caixa particular?

—Como sempre. Estão nesse cofre de ferro ahi ao pé da mesa do Sr. Oliveira. Elle é quem tem a chave.

—Bem. O Sr. thesoureiro quer receber esse dinheiro pelo qual é

responsavel. Para não ter de ir buscar a chave á cidade alta, talvez possa tirar da caixa da casa a somma necessaria para esse pagamento.

— Eu tenho na minha caixa vinte e tantos contos disponiveis, porém se é necessario completar a somma, tenho onde mandar buscar o resto. O peor trabalho será contar tanto dinheiro por ser a maior parte em metal. Se o Sr. thesoureiro quizesse vir ajudar-me, em poucas horas arranjavamos isso.

— Deus me livre, acudiu o thesoureiro espantado de que apesar das quebras o Sr. Oliveira tivesse dinheiro para fazer face a tudo. Isto em mim não foi desconfiança. Foi satisfação ao publico. Eu disse cá comigo que se o nosso bom Manoel de Oliveira estivesse perdido, era justo tomar eu conta do dinheiro da Santa Casa, e aqui o havia de encontrar intacto. Se tudo era mentira, iria d'esta casa desenganado, e ajudaria a restaurar-lhe o credito que ha dias anda bem abocanhado d'esses patifes da baixa. Agora que sei tudo, vou socegado.

— Não senhor. Queremos que venha segunda feira receber. O Sr. Caetano já tinha ordem para o avisar, porque o nosso Oliveira está velho, e não quer complicações estranhas nas suas contas.

— Mas, Sr. Henrique, porque não ha de continuar tudo como estava? Olhe que eu não sou desconfiado; isto fôí uma aquella...

— Fosse o que fosse, Sr. Gouvêa. Venha segunda feira receber.

— Pois então virei na segunda feira de manhã. Valha-me Deus! Onde hei de eu ir agora pôr esse dinheiro?

Mal se ausentára o thesoureiro mandou Henrique de Mello pedir pelo telegrapho ao presidente do Banco de Lisboa, seu amigo particular, que pelo mesmo telegrapho puzesse em Coimbra á disposição de Manoel de Oliveira o dinheiro que desde o momento da demanda e desde o ajuste de contas com José de Mello se conservava no Banco á sua ordem. Era mais de cem contos.

Escreveu depois a Salvador Lopes de Sousa, do Rio de Janeiro, expondo-lhe francamente o estado da casa excepto na parte que dizia respeito á Misericordia, e accrescentando que era inevitavel a ruina do velho por causa das quebras de Bergenstein e de Smith e Davis, se alguma mão poderosa o não auxiliasse.

«Eu sou rico,» concluia Henrique, «mas tenho mãe. O que não fôr necessario para ella, entrará na caixa de Manoel de Oliveira, porém não basta. Eu devo a esta casa tantos favores como V. S.^a»

Antes de fechar o gabinete para ir consolar o desafortunado pae de D. Anna, Henrique chamou o guarda-livros, e disse-lhe:

— Sr. Caetano da Silva. Segunda feira começa a nossa batalha para salvar esta casa. Sente-se com animo para a empresa?

— Sinto-me com animo de lhe obedecer em tudo, apesar de não vêr modo de evitar a fallencia. Nós enganámos o thesoureiro da Miseri-

cordia, mas é um engano de 48 horas. O sr. Henrique de Mello teimou com elle. Segunda feira aqui o temos.

— Nesta casa, sr. Caetano da Silva, em quanto eu estiver nella, respondeu Henrique de Mello com severidade, não se engana pessoa alguma. O thesoureiro ha de receber o seu dinheiro segunda feira.

— Noventa e dois contos seiscentos e setenta e nove mil réis?

— Sim senhor, essa enorme quantia. Na segunda feira antes de vir para o escriptorio, passe por casa do sr. Oliveira para trazer cem contos para a caixa.

— Pois elle tem cem contos em casa?

— Decerto não, mas lá lhe dirão aonde os ha de ir receber.

— Isso é outro negocio. Eu bem digo que estou prompto a obedecer a v. ex.^a, mas que não sei mandar. Esse reforço não conhecia eu. Na segunda feira lá estarei pela manhã cedo. É necessario mais alguma coisa?

— É preciso saber quanto azeite ha de venda na cidade e na Figueira, e o preço a tres, seis e nove mezes, como é costume. Veja tambem se o Rodrigues da Praça ainda tem o navio na Figueira, e se o póde fretar para Londres e por quanto.

O guarda-livros retirou-se curioso de saber d'onde saíam aquelles abençoados cem contos, que não impediam a quebrá de Manoel de Oliveira, mas que a podiam addiar, e em todo o caso o tiravam da maior difficuldade. Esta anciosidade não foi, nem devia ser duradoira. Os guarda-livros e caixeiros dos negociantes, são como os coveiros. Abrem a cova e enterram os mortos, mas não lhes importa a biographia d'elles.

O telegrapho na tarde de sabbado, e no domingo, cumpriu os desejos de Henrique. As principaes casas de Coimbra, a administração do Contracto do Tabaco, e o recebedor da Fazenda, receberam ordens para pôrem grossas sommas á disposição de Manoel de Oliveira. Como vinham todas do presidente do Banco, e com a maior recommendação, cada um entendeu que o velho negociante fizera acudir os seus capitães a Coimbra, e quando, como é de uso em terra pequena, contavam uns aos outros pela tarde, na calçada e na ponte, o theor dos despachos recebidos, decidiram todos que Manoel de Oliveira era um colosso de riqueza e de credito. Naquelle hora ninguem recusaria descontar-lhe uma lettra.

Na segunda feira o cofre da Santa Casa passou para as mãos do thesoureiro, tremulas com o inquieto receio de terem de guardar tão avultada quantia. O sr. José de Gouvêa estava mais amedrontado agora que os noventa contos lhe fiam para casa, do que antes quando jaziam no cofre da Sophia sob a responsabilidade do velho commerciante. Veio mais de trinta vezes á Sophia com um sobrinho

para transferir o dinheiro para o predio em que morava, e não disse uma palavra a pessoa alguma. Ninguém pôde pois suspeitar que as ordens do Banco eram para cobrir o *deficit* da caixa da Misericordia. Quando algum curioso lhe perguntava pelo cofre, respondia que não tinha receio e que se tivesse mil contos, os poria todos na casa do nosso bom velho.

A honra de Manoel de Oliveira estava salva, e o credito da sua firma momentaneamente robustecido.

(Continua.)

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

CORRESPONDENCIA DO BRAZIL

Rio de Janeiro 7 de setembro de 1861.



ou hoje encetar uma tarefa ardua para mim, não só pela exiguidade das minhas forças, mas tambem pela difficuldade proveniente da indole do jornal para que escrevo.

Os periodicos politicos dão plena liberdade aos seus correspondentes. Ahi falla-se de tudo, e de mais alguma coisa. Basta-lhes a politica, assumpto vastissimo que jámais se esgotará, e que todos podem tratar sem receio, porque ninguem avalia o escriptor pelos seus trabalhos d'esse genero, inspirados quasi sempre pela conveniencia.

A politica é uma dama enfeitada, cheia de arrebiques, e em que tudo, ou quasi tudo é pos-tiço. Se em outras eras os seus lindos olhos attra-hiram sinceros adoradores, esses, curvados ao peso de crueis desenganos, sumiram-se pela terra dentro, e ha alguns que se vexam do culto que prestaram á leviana deidade.

Hoje são bem poucos os que lhe tributam uma adoração sincera, e aquelles que lhe soffrem os desdens, que lhe affrontam os desprezos e caminham ávante, não creio eu que cedam a uma fascinação irresistivel. Esse culto é uma rotina sabida de todos. A ociosidade é mãe de todos os

vícios, e é por isso que os rapazes desoccupados buscam esse passatempo que, ao passo que os diverte, lhes promette muitas vezes um futuro que não alcançariam por outra vereda. E a empreza é facil.

Embuçado em uma capa de bacharel, alinhavada sabe Deus como; perfumado com uns ligeiros vapores de litteratura; apegado ao bastão do patronato, lembra-se um mancebo de empiscar o olho á politica, convencido de que a sua isenção se renderá ao merito proprio, que elle avalia generosamente, para não metter o seu credito em mãos alheias.

Quer fazer-lhe a declaração em prosa, porque a politica é anti-poetica, lança mão da penna e serve-se do jornal para cortejar a sua dama. Ella faz-se tola, o rapaz teima, apparecem os rivaes, ateia-se o ciume, as chamas augmentam, os sinos tocam a rebate, o nome do audaz namorado corre de boca em boca e a dama vê-se obrigada a inscrever mais um na lista dos seus pretendentes. Dispõe-se a ouvil-o, concede-lhe uma entrevista, e como a conferencia tem de ser longa, offerece-lhe uma cadeira na sala do parlamento, e ali temos o rapaz adiantado na carreira que ha tão pouco encetára. D'aqui ao Pantheon são dois passos, pouco mais ou menos.

As fraquezas do namorado, a coragem com que affronta o ridiculo, as traças de que se serviu, tudo bem aproveitado, dão vasto campo a outros que pretendem seguir o mesmo trilho. O correspondente, obrigado simplesmente a dar noticias, dá tambem a sua ferroada, espanta os leitores com as novidades que já se leram no artigo de fundo da vespera, vóa como um morcego pelas regiões da politica, e quando menos o pensa tem a medida cheia, e vae-se deitar á sombra dos loiros.

A *Revista Contemporanea* não admite estes devaneios, é muito mais exigente que o jornal politico, e mette um pobre correspondente em camisas de onze varas, de que difficilmente poderá sair.

Acolá tem entrada a descripção de um baile, o numero das contradanças que se dançaram, o traje das damas e até a cor das flores com que adornam o penteado; e é por isso que eu, que ando cá pelo mundo novo ha tres annos, sei ainda hoje quantos vestidos e quantos enfeites possui cada uma das senhoras de Lisboa e do Porto, graças ao minucioso cuidado dos correspondentes.

Aqui não é loja de miudezas, e seria inconveniente misturar essas quinquilherias com os retratos e biographias de homens notaveis, com gravuras de bons artistas, com excellentes artigos litterarios e scientificos. Que resta, pois, ao correspondente d'este jornal? Fallar do movimento litterario e artistico, quer o haja quer não. Pois não ha tanto como podia haver, nem tão pouco como alguem pensa.

Publicou-se ultimamente uma segunda edição das «Obras de Manoel Antonio Alvares de Azevedo, precedidas de um discurso biographico e acompanhadas de notas pelo sr. dr. Jacy Monteiro».

Não pude ainda ler tudo, mas conheço o necessario para dizer affoitamente que o Brazil perdeu um grande poeta, cujo talento ninguém calcula até onde poderia elevar-se, se attendermos a que morreu com 20 annos de idade, deixando escriptos, em prosa e verso, para tres bellos volumes, de mais de trezentas paginas cada um!...

Transcreverei aqui a primeira poesia que me appareceu, abrindo ao acaso, o seu 1.º volume:

Dreams! dreams! dreams!
W. COWPER.

Quando á noite no leito perfumado
Languida fronte no sonhar reclinas,
No vapor da illusão porque te orvalha
Pranto de amor as palpebras divinas?

E, quando eu te contemplo adormecida
Solto o cabello no suave leito,
Porque um suspiro tépido resoma
E desmaia suavissimo em teu peito?

Virgem do meu amor, o beijo a furto
Que pouso em tua face adormecida
Não te lembra no peito os meus amores
E a febre do sonhar de minha vida?

Dorme, ó anjo d'amor! no teu silencio
O meu peito se affoga de ternura,
E sinto que o porvir não vale um beijo
E o céu um teu suspiro de ventura!

Um beijo divinal que accende as veias,
Que de encantos os olhos illumina,
Colhido a medo como flor da noite
Do teu labio na rosa purpurina.

E um volver de teus olhos transparentes,
Um olhar d'essa palpebra sombria,
Talvez podessem reviver-me n'alma
As santas illusões de que eu vivia!

Um notavel talento de outro genero se manifestou ultimamente no Rio de Janeiro, na opera — A NOITE DO CASTELLO — cujo libretto é extrahido do poema do mesmo nome, do nosso A. F. de Castilho, pelo sr. A. J. Fernandes dos Reis. O joven *maestro*, o sr. Antonio Carlos Gomes, estreou-se admiravelmente na composição de tão linda opera. A primeira representação, na noite de 4 do corrente, foi o presagio de um brilhantissimo futuro, se o mau destino que persegue quasi sempre os homens de verdadeiro talento, não vier impedir-lhe o passo. A recepção que teve a *Noite do Castello*, é muito significativa. Os applausos foram geraes, e continuados, crescendo sempre o enthusiasmo, que quasi tocou as raias do delirio no fim da opera! Outras composições de auctores brasileiros se teem apresentado ultimamente

às provas publicas, e todas tem sido menos felizes : vê-se, pois, que o juizo foi imparcial.

Oxalá que o sr. Gomes não esfrie com os dissabores que forçosamente ha de soffrer, e continue a cultivar esse precioso dom que a natureza prodigalisa a tão poucos.

Coube o desempenho à *Opera Nacional*, instituição de que o Brazil deve ufanar-se, e que bem merecia uma decidida protecção. Aqui, como em Portugal, ainda se não acredita que um homem cujo nome termina em — omes — como Gomes, ou em — onha — como Noronha, possa escrever coisa que se cante, sem ser *secante*. Suppõe-se que é privilegio dos nomes acabados em — ini — como Bellini, Rossini, Paccini, etc. etc.

Os *Petrellas* e *Apollonios* que ousaram metter foice na seara alheia foram corridos, e nem lhes valeu o diploma de estrangeiro, tão valioso n'estas coisas.

Se eu fosse compositor de musica não cairia na simplicidade de assignar-me

F. X. DE NOVAES.

CHRONICA POLITICA

Lisboa, 30 de setembro de 1864



ncetâmos hoje a tarefa de chronista contemporaneo da nossa historia politica.

A indole d'esta *Revista*, cujas paginas importa serem consagradas a trabalhos litterarios de outra ordem, intima-nos a mais discreta concisão. Se escrevessemos para leitores inteiramente estranhos ao movimento politico da nossa terra, seriam estreitas as paginas de um grosso volume para narrarmos previamente a historia agitadissima das nossas dissensões, e para explicarmos pela deducção dos factos o estado actual dos partidos, das idéas e do paiz. Como escrevemos para quem conhece, que mais não seja, os successos capitaes da nossa modernissima historia, podemos forrar-nos ás prolixidades de uma *razão de ordem* interminavel.

Aos jornaes diarios, athletas constantes, voluntarios ou assalariados dos partidos, deixamos a discussão violenta, as aggressões desabridas, a polemica incandescente; a nós só cabe a resenha succinta dos factos, e a sua analyse tão imparcial e tão fria, quanto nol-o permittir o isolamento premeditado das paixões partidarias, cujo calor, quando existe, irradia com mais ou menos força no ambiente que nos cerca a todos.

O mez de setembro é uma época morta para a politica e para a vida official do paiz: é o mez das férias. As escolas e os tribunaes teem fechadas as suas salas. O parlamento encerrou as suas sessões no ultimo dia de agosto. Os habitantes da capital e das cidades desertaram para o campo e para as praias. *Deus nobis haec otia fecit.*

S. M. El-Rei e a sua comitiva assistiam ainda nos primeiros dias de setembro ás ultimas festas da exposição industrial do Porto, e á inauguração dos trabalhos do palacio de crystal. Estes successos agouram um prospero futuro á cidade rica e laboriosa por excellencia. A nossa industria, a que podemos e devemos ter, ha de tirar beneficos resultados d'aquelles dois factos, quando os nossos homens politicos acabarem de se convencer de que não é com a protecção abafadora da pauta das alfandegas que se consegue robustecer a vida industrial do paiz.

As festas alegres da industria succederam as festas da familia real, por occasião do matrimonio de S. A. a Senhora Infanta D. Antonia com S. A. R. o Principe de Hohenzolern Sigmaringen: tristes festas, que para tão longe nos levaram a estimada Princeza, nos nossos dias a mais formosa flôr do tronco illustre de Bragança.

A folha official do governo tem registado nas suas columnas o resultado das tarefas parlamentares, publicando as leis votadas na ultima sessão legislativa. Foi esta sessão a primeira da nova camara. O exame dos seus trabalhos pôde dar alguma idéa da sua actividade, mas não nos fornece decerto documentos de uma fecunda iniciativa. N'este ponto desmerece ella muito de todas as que a precederam desde 1851, e que deixaram todas na vida economica do paiz, em mais ou menos levantado grau, os vestigios da sua illustração e amor do progresso. Graças á sua iniciativa, ou ao impulso dos governos, ou aos progressos do juizo publico, a esta força invisivel que faz adiantar os povos no caminho da civilisação, é certo que o Portugal de hoje, muito atrasado como está, já parece que distanceia um seculo do Portugal de ha dez annos.

Ha dez annos só os homens illustrados conheciam em Portugal pelas estampas dos jornaes e livros scientificos a *locomotora* dos caminhos de ferro, esta synthese da civilisação industrial moderna. O transito entre a capital e a fronteira e as principaes cidades do reino fazia-se do mesmo modo que nos primeiros tempos da monarchia: tres dias para chegar a Elvas, cinco ao Porto, uma semana ao Algarve, quinze dias a Bragança. A communicação postal entre Lisboa e as capitães dos districtos practicava-se tres vezes por semana sobre um macho adornado de guizos e campainhas, tal e qual como fôra estabelecido por um dos antepassados da sr.^a condeça de Penafiel. As nossas ilhas do Atlantico e as nossas colonias africanas nunca tinham visto fumar a chaminé de um barco de vapor. O parlamento quando dava treguas ás questões de theologia politica, discutia gravemente a conveniência de empregar duzentos contos de réis em obras publicas, e para realisar tão importante somma de modo que a agiotagem não virasse as costas ao governo, pedia o ministro das finanças auctorisação ás camaras para elevar até 12 por cento os juros d'esta operação aventureira. A fim de extinguir ou atenuar um *deficit* incessante, os nossos financeiros imaginavam augmentar

o rendimento do thesouro com incessantes addicionaes ás contribuições existentes, sem attentarem, apesar do bom senso e dos manuaes de economia politica, em que este systema no imposto indirecto conduzia directamente ao resultado contrario, emagrecendo as fontes de receita. Mas para a final se ajustar o equilibrio das forças do thesouro com os seus encargos, tinha-se recorrido ao admiravel systema da reforma do kalendario, tornando os mezes de quarenta e cinco dias, o que diminuia em 33 e $\frac{1}{3}$ por cento as despesas annuaes com o funcionalismo.

O caminho do progresso é de mais facil andadura quando outras nações nol-o tem ido abrindo e macadamisando adiante. O nosso progresso dos ultimos tempos não penetrou ainda até os ultimos angulos do paiz. Mas com todos os descontos e atenuações, que quizerem os pessimistas, ainda assim quão longe estamos hoje d'essas épocas de selvageria administrativa e financeira!

De Lisboa á fronteira de Hespanha, pela Extremadura ou pelo Minho, já se viaja em viaturas do seculo actual. Excellentes estradas ordinarias ligam algumas das principaes cidades do reino. O silvo da locomotiva já se ouve atravez dos nossos campos em mais de 140 kilometros de via ferrada em exploração ao norte e ao sul do Têjo. Mais de 500 outros kilometros estão sendo construidos com a maior actividade. As linhas do norte e de leste empregam n'esta construcção vinte e dois mil trabalhadores diarios. A linha de Evora e Beja emprega de cinco a seis mil. As estradas ordinarias em construcção, por conta do governo, empregam para mais de oito mil, e já este numero foi muito mais crescido. Algumas outras estradas estão sendo construidas por empreitada, e para outras deve brevemente abrir-se licitação publica. A rede da telegraphia electrica abrange todo o paiz. Carreiras de vapores, mais ou menos regularmente organisadas ligam os nossos portos do continente com os das ilhas e os das nossas possessões africanas. A ultima reforma dos impostos directos melhorou consideravelmente a receita do estado. O producto do imposto indirecto tem augmentado tambem nos ultimos tempos, aconselhando os nossos financeiros a darem novos e mais decisivos passos no caminho de uma reforma franca e liberal da pauta das alfandegas, sem a qual nem as industrias naturaes do paiz se descriminarão de algumas industrias de estufa que ahi vegetam, consumindo capitaes improductivamente, nem alcançarão por falta de estimulo o grão de perfeição e desenvolvimento a que podem attingir. A extincção do monopolio do sabão ahi creou uma industria nova, e já importante e vivaz, porque nasceu sem a fatal protecção da pauta, e que luta já vantajosamente com os productos similares dos outros paizes.

Isto é pouco em relação ao que nos falta, mas é alguma coisa em relação ao que nos faltava ha bem poucos annos. O que nos cumpre é não perder um minuto, é redobrar de esforço. O caminho da civilisação é assim, contínuo, incessante, infinito; quanto mais caminhamos, mais conhecemos o que nos falta percorrer.

Como satisfaz a nova camara a este empenho? O que accrescentou no caminho encetado pelas suas predecessoras? Que novos interesses materiaes ou moraes mereceram especialmente a sua sollicitude? Dizem-no as leis que

tem publicado o *Diario de Lisboa* a quem não assistiu á pugna pouca instructiva das discussões parlamentares. Leis de expediente annual, reformas pequeninas, creando uma cadeira, augmentando um ordenado, estabelecendo ou supprindo alguns logares, medidas de circumstancia, o arredondamento de uma comarca, a desannexação de dois concelhos, o estabelecer a maneira de contar a antiguidade de uns funcionarios, a isempção dos direitos de um certo genero em uma das provincias ultramarinas, projecções de uma iniciativa descosida e microscopica, eis o que avoluma a collecção das leis ultimamente promulgadas. Algumas medidas merecem especial menção. Uma reforma acanhadissima da pauta da alfandega municipal, isentando de direitos alguns generos de consumo das classes necessitadas, indica uma tendencia no sentido da boa doutrina economica. Tem tamanha força a verdade, que dobra os animos mais obstinados e as intelligencias mais rebeldes. A somma de quatrocentos contos para as fortificações em Lisboa e Porto, votada quasi sem discussão por um d'estes impulsos de patriotismo expontaneo, que nem sempre é o mais esclarecido, parece-nos pouco para uma coisa séria, e demasiado para desperdicio. A garantia de um emprestimo de quatrocentos e cincoenta contos á companhia de navegação ultramarina a vapor, União Mercantil, depõe dos bons desejos de prover a faceis communicações com as nossas colonias. O futuro dirá se o meio empregado era o mais proprio para chegar ao fim que se pretendia, e se esse intento foi plenamente realisado. A compra do caminho de ferro já patente á circulação, posto que incompleto, do Barreiro ás Vendas Novas, tronco da linha do Alemtejo, pelo preço de 936 contos, teve por pretexto a conveniencia de remir certas condições do contracto primitivo de concessão, que podiam causar embaraços para o futuro, e que estavam em pouca harmonia com o caderno de encargos da linha, que se está construindo em continuacão. Affirma-se que fora outro o motivo real, tão pueril que não ousamos mencioná-lo. O preço da compra tem-se por excessivo tanto em relação ao custo real das obras e á sua perfeição, como á importancia das condições onerosas que se pertendeu resgatar. A permanencia da administração d'esta linha nas mãos do estado será um erro grosseiro e deploravel. O preço da sua futura venda mostrará ao certo a importancia das vantagens d'esta transacção. Eis os trabalhos que mais avultam entre os da ultima sessão legislativa. É para lamentar que em quanto a folha official publicava a lei, que acudia com a garantia do thesouro ás urgencias da importante empresa de navegação a vapor para os Açores e para a Africa, o governo se julgasse obrigado a rescindir o contracto da empresa de navegação a vapor para a Madeira, que durante dois annos tinha satisfeito com exemplar regularidade as condições do seu contracto. O decreto de rescisão que matava uma d'estas empresas apparecia no *Diario* poucos dias depois da lei que dava vida á outra. O governo não deixará por certo ao desamparo os interesses da mais importante das nossas ilhas adjacentes, e uma nova empresa será constituida.

O mez de setembro deu á luz o modesto programma ou exposição de um chamado partido novo, assignado pelo primeiro dos nossos oradores, e por alguns outros nomes, uns obscuros outros notorios, entre os quaes alguns bem conhecidos na sociedade das lettras. Haverá na realidade um partido

novo? Não se fazem repentinamente os partidos; nascem de uma idéa lenta e laboriosamente se vão alargando. Mas o partido novo não propaga nem evangelisa idéas novas; proclama a restauração genuína dos antigos partidos, cujos dogmas andam confundidos e obliterados com as successivas colligações, que ha dez annos tem dirigido e ainda dirigem os negocios publicos.

Corresponderá este pensamento a uma necessidade da época ou á tendencia dos espiritos? Já daria todos os seus fructos o systema que ha dez annos nos tem dado as doçuras da paz e esses poucos ou muitos progressos que nos ultimos annos temos conquistado? Chegaria o momento da reacção contra o indifferentismo politico, que tem os seus perigos e os seus excessos? É o que o futuro se encarregará de nos demonstrar.

CHRONICA LITTERARIA



onsignemos, antes de tudo, a homenagem que os nossos irmãos do Brazil acabam de prestar ao primeiro historiador portuguez. Homenagem litteraria e homenagem nacional. Symbolisa a gloria de um nome que é gloria para o paiz.

Lá váe pois, mar em fóra, o retrato de Alexandre Herculano, que a *Sociedade Madrepora*, encommendou ao distincto artista José Rodrigues, para depois oferecer ao *Gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro*. A inauguração será ali feita com toda a solemnidade e deslumbrante pompa; e o dia escolhido para esse acto é o anniversario da restauração de Portugal, 1.º de Dezembro.

Ao nosso eminente poeta Mendes Leal foi expressamente pedido um hymno, para solemnisar a inauguração. Ao auctor do *Ave Cesar* e do *Pavilhão Negro*, tanto a data como o nome do cantado, inspiraram-lhe a phantasia, enriquecendo assim o Parnaso com mais algumas esplendidas estrophes.

Innumeraveis são os serviços que a *Sociedade Madrepora* tem continuamente dispensado ás letras patrias.

Resume-se o seu programma a estas singelissimas palavras: «patrocinar tudo que é portuguez.» É apenas um rotulo, mas um rotulo brilhante, illuminado pela chamma ardente do verdadeiro patriotismo, d'aquelle patriotismo que não faz cartaz de palavras, mas que attesta nas obras o diploma. Quantos trabalham pelo engrandecimento intellectual da terra que foi berço d'aquella numerosa pleiada que fórma a sociedade, encontram ali provas eloquentes de intima dedicação e seguro auxilio. Alexandre Herculano, é para elles, como é para nós, como é para todos, — para todos que pensam e sentem, — um modelo a seguir nas letras e na vida, mais que um modelo — um symbolo. As suas acções são como o seu estylo; rijo na tempera, energico na fórma.

O sr. José Rodrigues, reproduziu com exactidão a phisionomia do auctor da *Historia de Portugal*. É mais um trabalho digno do seu pincel e que lhe confirma a reputação que tem legitimamente adquirido.

Continuem assim a provar, o sr. José Rodrigues, com o retrato de Alexandre Herculano, o sr. Victor Bastos com o seu admiravel baixo relevo da *Colera*, e o sr. Annuniação com o seu bello e ultimo quadro a *Eira*, que as bellas-artes, ainda podiam ter um brilhante futuro em Portugal, se um dia subisse ao poder n'este malfadado paiz, um governo illus-

trado e intelligente, que as soubesse proteger e animar. O desamor, que, infelizmente entre nós ha pelas bellas-artes, nasce da obscuridade em que vivem os seus actuaes cultores e as magnificas pinturas dos antigos.

A proposito vem aqui mencionar uma visita que tivemos a honra e a ventura de fazer a semana passada. A visita foi ao sr. marquez de Sousa Holstein, que, sabendo que nós eramos dos poucos que n'esta terra sentiamos affeição e enthusiasmo pelas bellas-artes, nos convidou para irmos admirar ao seu gabinete differentes e variados trabalhos do grande pintor Sequeira.

Quando ali entrámos, a surpresa que tivemos, foi muito além da nossa expectativa. Tudo que nos rodeava eram obras do fecundissimo artista. Era de pasmar, (unico verbo adequado) e pasmámos.

Chamaram, em primeiro lugar, a nossa attenção quatro cartões dos quadros que possui a casa do sr. duque de Palmella, a lapis branco e preto, nas mesmas dimensões dos referidos quadros, mas todos acabados, apresentando todavia algumas variantes. São de um effeito surprehendente e excedem tudo quanto a imaginação possa sonhar. Mais treze esbocetos pequenos a oleo adornam o restó das paredes, denunciando a notavel elegancia e riqueza de composição que havia no pincel de Sequeira.

Abrindo uma pasta, apresentou-nos o sr. marquez, perto de duzentos desenhos a lapis, penna e esfominho. Que prodigiosa imaginação! que riqueza de fantasia! Que esplendor de traços! Era um poeta-pintor! E tanto o era, que sentia pelo Dante profunda admiração, e quem sabe! — talvez, intima fraternidade, e a prova é que n'alguns d'esses desenhos, interpretou-o e com egual elevação. Cumpre-nos, registrar n'estas paginas, que o sr. marquez de Sousa Holstein, brindou a *Revista Contemporanea*, com uma gravura a agua forte do grande artista Sequeira, que tencionamos distribuir com o primeiro numero do quarto anno e que representa o *Conde Ugolino-Inferno*, canto 33 versos 55 a 58:

Come un poco di raggio si fu messo
Nel doloroso carcere, ed io scôrse
Per quattro visi il mio aspetto stesso,
Ambo le mani per dolor mi morsi.

A gravura é feita em Roma no anno de 1837. O louvor que poderíamos tecer á dadiva, ficou gravado, citando-a. Para quem lhe souber o valor deve comprehender o reconhecimento a que tem jus.

As duas horas que ali passámos jámais nos esquecerão. Aos attractivos das bellezas que nos cercavam, havia mais outro attractivo igualmente valioso. Era o attractivo da illustrada conversação do sr. marquez de Sousa Holstein. Reune ás idéas theoricas o conhecimento pratico das bellas artes. Estudou nos livros e profundou depois em Italia, esse estudo nos quadros e nas estatuas dos grandes mestres. Foi lá n'essa terra, mãi das artes, que o sr. marquez, ouviu chamar a Sequeira, o Rembrandt no claro, e tributar ao grande pintor portuguez a merecida consideração e o mais respeitoso culto. Entre nós como é que se lhe agradece essa gloria que nos dá?... com o esquecimento quasi!

Cedo voltaremos a fallar da Academia das Bellas Artes terminando agora por dizer ao governo: Ahi tem um homem competente e intendido para dirigir a Academia, é o sr. marquez de Sousa Holstein. Hoje insinuamos-lhe a idéa, para a outra vez a justificaremos.

Vamos rematar dando o elenco da companhia de S. Carlos e promettendo fazer a sua apreciação no seguinte numero:

Primeiras damas: Luiza Bendacci, Henriqueta Berini, e Delfina Calderon. Musichetto: Amalia Uberti. Segunda dama: Marcella Zocettelli. Primeiros tenores: Caetano Fraschini, Baraglia. Primeiro baritono. João Guicciardi. Primeiro baixo profundo: Cesar della Coste.

ERNESTO BIESTER.